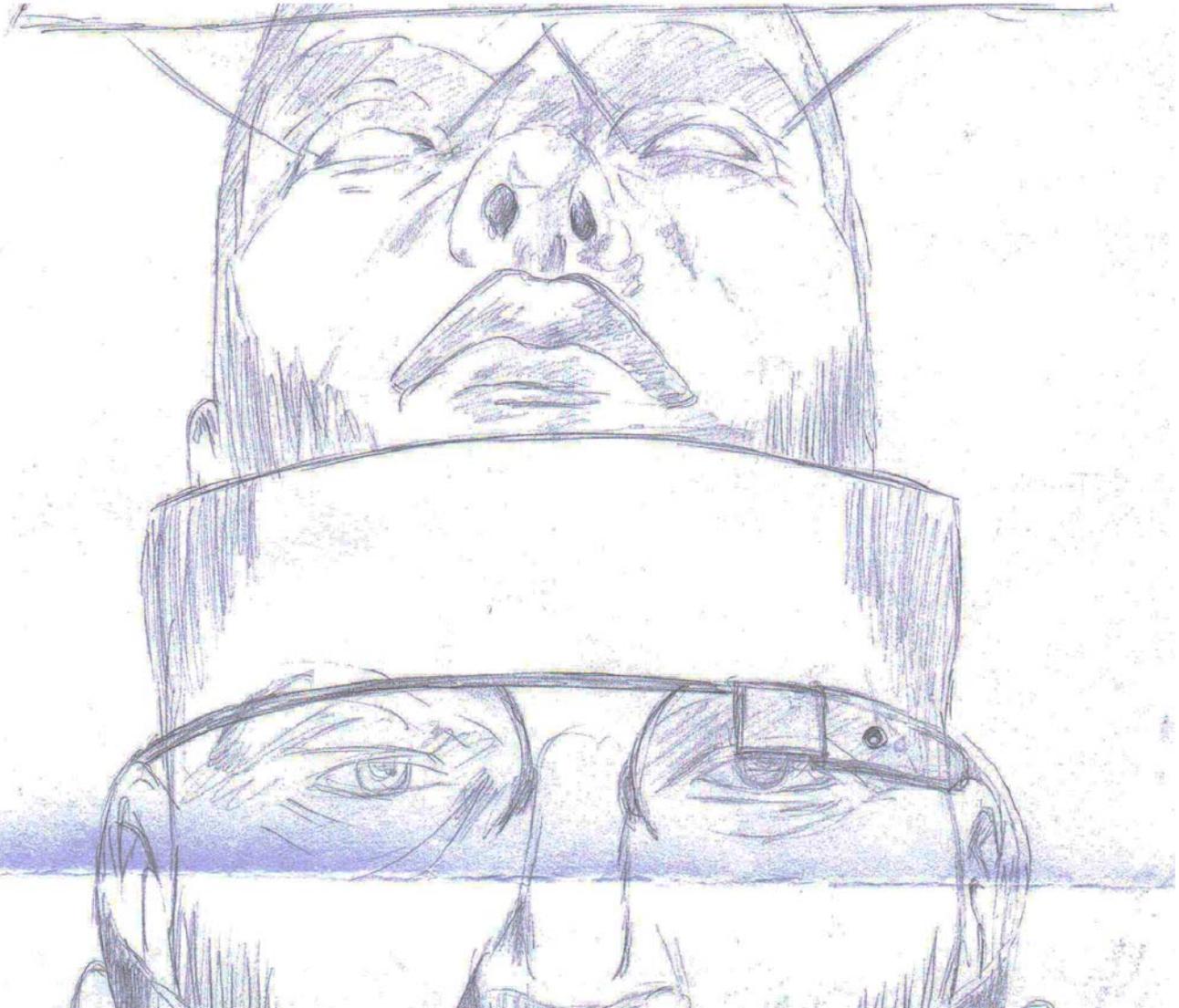


Revista Synthesis

Letras Educação e Humanidades

vol.2, n.2



REVISTA SYNTHESIS
LETRAS, EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

Mestrado Profissional de Práticas Transculturais
Centro Universitário Facvest

Revista Synthesis Letras, Educação e Humanidades
Volume 2, número 2 – dezembro de 2017

Publicação semestral do Mestrado Profissional em Práticas Transculturais
Centro Universitário Unifacvest
Av. Mal. Floriano, 947 – Lages – SC

Conselho editorial

Frank Nilton Marcon (História – UFSE)
Inês Schaw (Literatura – Nassau Community College – NY)
Marco Maschio Chaga (MP Práticas Transculturais – Facvest)
Marcos Vinícius Scheffel (Literatura – UFRJ)
Nelson Schapochnik (Educação – USP)

Conselho consultivo

Eduard Marquardt (Letras – Facvest)
Maurício Cordeiro Manhães (Comunicação – Savannah University)
Patrícia Cristina Albieri de Almeida (Educação – Fundação Carlos Chagas – SP)
Veridiana Almeida (Literatura – FAEL)
Raquel Meister Ko Freitag (Linguística- UFSE)

Comissão Editorial

Arceloni Neusa Volpato (Relações com a comunidade)
Cassandro Devenz (Apoio técnico em TIC)
Diego Fernando e Sá dos Santos (Revisor)
Eduard Marquardt (Editor de textos)
Fabio E G Soares (Editor geral)
Lucas Rafael de Liz (Assistente de produção)
Maryualê Mittman (Editora de produção)
Tatiana Zanghelini Ribeiro (Revisora)
Yeda Leticia Nascimento da Silva (Assistente de produção).

Imagem da capa:

Colaboraram no projeto da capa: Andressa Caneppele, Aghata Gonçalves da Silva, Alan Amaro, Ana Clara Anacleto, Larissa Costa Pereira, Leticia Branco, Mario Josephe da C. Reis, Morgana Maria, Gonçalves de Azevedo, Nadine Oliviecki, Tiago Andrade, Verônica Ribeiro, Yeda Leticia.

SUMÁRIO

<i>Rodrigo Diaz de Vivar y Soler</i> Foucault leitor de Heidegger.....	p. 5-13
<i>Ines Staub Araldi</i> Dom Quixote de la Mancha: a constituição de um sujeito de letras.....	p. 14-24
<i>Keli Cristina Pacheco</i> Lima Barreto: breve discussão sobre a (não) fronteira entre vida e obra.....	p.25-32
<i>Yeriling Villasmil Flores, Beatriz Arrieta de Meza, Arceloni Neusa Volpato</i> Contribuições da teoria sociogenética, abordagem sociocultural e modelo cognitivo-lingüístico para o ensino da escritura na educação superior.....	p. 33-45
<i>Ricardo Santos David</i> Estratégias de leitura: Processos inferenciais analisados através de uma crônica da obra de Fernando Sabino.....	p. 46-56
<i>Cidade Canudos - Rua Morgue</i> Fabio Soares.....	p. 57-66

Foucault leitor de Heidegger: Da ontologia fundamental à ontologia histórica de nós mesmos

Rodrigo Diaz de Vivar y Soler*
Centro Universitário Estácio, Santa Catarina.

Resumo

O presente trabalho procura pensar as possíveis correlações entre a ontologia fundamental pensada por Heidegger e a ontologia histórica de nós mesmos em Foucault. Tanto Heidegger quanto Foucault são críticos por excelência da modernidade já que suas reflexões nos auxiliam a pensar a desconstrução de suas metanarrativas. Num primeiro momento apresentaremos a contextualização da ontologia fundamental em Heidegger. Já o segundo momento é dedicado a explorar os contornos da ontologia histórica de nós mesmos em Foucault. Nossas considerações finais são dedicadas a pensar tanto a ontologia fundamental como a ontologia histórica de nós mesmos como uma atitude voltada para a prática da filosofia como forma de vida e atitude crítica em relação ao tempo presente.

Palavras-chave: Martin Heidegger; Michel Foucault; Ontologia Fundamental.

Foucault's Heidegger reader: From the fundamental ontology to the historical ontology of ourselves

Abstract

The present work tries to think the possible correlations between the fundamental ontology thought by Heidegger and the historical ontology of ourselves in Foucault. Both Heidegger and Foucault are critics par excellence of modernity since their reflections help us to think the deconstruction of their metanarratives. In a first moment we will present the contextualization of the fundamental ontology in Heidegger. The second moment is dedicated to exploring the contours of the historical ontology of ourselves in Foucault. Our final considerations are devoted to thinking both the fundamental ontology and the historical ontology of ourselves as an attitude towards the practice of philosophy as a way of life and critical attitude towards the present time..

Keywords: Martin Heidegger; Michel Foucault; Fundamental Ontology.

* Bacharel em Psicologia pela UNESC; Mestre em Psicologia pela UFSC; Doutorando em Filosofia pela UNISINOS. Professor do Centro Universitário Estácio Santa Catarina. E-mail: diazsoler@gmail.com

1 Introdução: a experiência do pensamento movente...

Acostumamo-nos a perceber a imagem do filósofo como alguém que, do interior de seu escritório produz um ofício árduo e, ao mesmo tempo apurado muitas vezes distantes da realidade pulsante. A visão moderna da academia reduziu tal figura aos intramuros das universidades e dos espaços de formação deixando de lado toda uma atitude crítica em relação a uma sociedade demasiadamente funcionalista, imediatista e preocupada em favorecer apenas as formas de conhecimento voltadas para as questões materiais. Ora, na introdução do seu livro consagrado ao pensamento de Espinosa, Gilles Deleuze (2002) aponta que a virtude, por excelência da atividade filosófica, consiste em produzir modos de vidas radicalmente singulares. É desse modo que podemos enxergar na atividade filosófica um outro papel no que corresponde à problematização da nossa sociedade ocidental. Trata-se, nesse caso de percebermos a filosofia como uma atitude crítica que compreende desde o seu nascimento uma leitura sobre a condição humana para além dos habituais contornos e das experiências religiosas ou científicas.

O presente trabalho possui por finalidade aproximar os tensionamentos de dois intelectuais que levaram a cabo à tarefa de composição de uma atitude crítica do pensamento filosófico como forma de vida, pois tanto Heidegger quanto Foucault configuram-se como vozes pertinentes para uma problematização do nosso tempo presente. Essa problematização pode ser capturada pela apropriação de Foucault em relação a um dos projetos mais importantes dentro do pensamento heideggeriano, qual seja, a elaboração do que seus comentadores chamam ontologia fundamental. Nesse sentido, num primeiro momento apresentaremos as principais teses heideggerianas acerca dessa ontologia fundamental para, num segundo momento compreendermos como Foucault elaborou o seu conceito de ontologia histórica de nós mesmos. Nossas considerações finais são dedicadas a explorar a radicalidade do pensamento foucaultiano e compreendidos como filosofia de vida.

2 Heidegger e o Projeto de uma Ontologia Fundamental

O livro *Ser e Tempo* fora escrito originariamente em 1927¹ (HEIDEGGER, 2012[1927]), ou seja, no limiar entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. Tal momento histórico fora duramente marcado por inúmeras transformações tecnológicas, econômicas e sociais. Essa fora a época do nascimento das sociedades de massa, isto é, um fenômeno compreendido pela produção, distribuição e consumo de bens e serviços que fomentavam a proliferação de um comportamento padronizado e generalizado por parte dos sujeitos. É nesse contexto que emerge o pensamento heideggeriano responsável por *re-pensar* o sentido do ser. Essa perspectiva é detalhada pelo filósofo alemão logo nas primeiras páginas de *Ser e Tempo*

1 Optamos por utilizarmos nesse trabalho a tradução de *Ser e Tempo* publicada em edição bilíngue em parceria entre a Editora da UNICAMP e a Vozes com a tradução de Fausto Castilho.

quando ele afirma que:

Essa pergunta está hoje esquecida, apesar de nossa época ter na conta de um progresso a reafirmação da “metafísica”. Entretanto, nosso tempo se tem por dispensado de empreender os esforços para desencadear uma nova *γίγαντομαχία* *περι τηξ ονσια*. E, no entanto, a referida pergunta não é uma questão qualquer: deu o que fazer à interrogação de Platão e de Aristóteles, embora na verdade se tenha calado desde então – *com pergunta temática de uma investigação efetivamente real*. O que ambos conquistaram resistiu ao preço de muitos desvios e “retoques” até a *Lógica* de Hegel. Aquilo que de modo fragmentário e numa primeira investida foi um dia arrancado dos fenômenos pelo supremo esforço do pensamento que há muito se trivializou (HEIDEGGER, 2012[1927], p.33).

Tem-se nessas palavras o projeto do que se conhece por *necessidade histórica de investigação sobre o esquecimento do ser*. Ou seja, trata-se de colocar a questão sobre a repetição da pergunta pelo ser orientada por uma perspectiva ontológica. Entretanto, para que tal tarefa tenha êxito é necessário debruçar-se sobre o ser, desconstruindo toda e qualquer forma de embaraço a qual a própria ontologia encontrava-se atrelada na Modernidade.

Segundo Zuben (2011), a perspectiva ontológica aberta por Heidegger acaba por operar como uma ferramenta imprescindível dos sinais de desgastes de uma época iminente positivista. Nesse contexto, a pergunta sobre o sentido do ser nessa sociedade do início do século XX compreende a tarefa de pensar o ser fora de um *apriori*. Não é à toa que Heidegger (2012[1927]) percebe que a sociedade moderna se caracterizava pela condição paradoxal de compreender o ser como categoria ao mesmo tempo, mas universal e vazia a partir de três considerações. Primeiramente o conceito de ser é o mais universal de todos. Segundo Heidegger (2012[1927]), Tomás de Aquino costumava afirmar que todo entendimento do ser está atrelado aquilo que se apreende no ente. Deste modo, só se pode pensar o ser em relação a algo. Esse modelo é proveniente da teologia medieval quando a palavra ser possuía a conotação, ou melhor, estava associada a ideia de transcendência. De acordo com Oliveira (2012), tal paradigma acaba por sinalizar as condições de possibilidade para a compreensão do ser aliada a região suprema de um ente. Heidegger (2012[1927]) nomeia tal característica como *universalidade genérica* na qual se constrói todo um conjunto de discursos fundamentalistas sobre o ser negando-se a percepção da multiplicidade das categorias providas de *conteúdos-de-coisa*.

Em segundo lugar, o ser apresenta-se como um conceito indefinido e, como tal, não pode ser objeto de investigação da lógica moderna. A esse respeito, Heidegger (2012[1927]) argumenta que o fundamento da lógica não se aplica ao estudo do ser, mas isso não significa que a pergunta pelo seu sentido deva ser deixada de lado. Conforme aponta Stefani (2009), a lógica moderna desmerece o estudo do ser pelo fato de não conseguir explorar o seu conceito. Nesse sentido, o que o pensamento heideggeriano demonstra é que a atitude de se perceber a dimensão ontológica escapa a qualquer domínio ou estatuto científico.

Por fim, a filosofia moderna é também problematizada por Heidegger (2012[1927]) no sentido de procurar entender o ser por si mesmo, isto é, a dimensão ontológica compreende a necessidade de se procurar debruçar sobre tal problemática a partir de uma analítica radical

que compreende o ser a partir da sua temporalidade. Ou seja, ao propor uma investigação sobre a pergunta fundamental pelo ser, Heidegger (2012[1927]) elabora a tese de que tal questionamento deve ter como ponto de partida um sentido originário em que a atitude filosófica ultrapassa qualquer elemento meramente conceitual. Nesse contexto a analítica interpretativa sobre o ser refere-se a um ato de criação desdobrado na atitude de uma ontologia radical preocupada em distanciar-se das essencializações e preconceitos aos quais a palavra ser encontrava-se vinculada até o aparecimento de *Ser e Tempo*. Para isso, Heidegger (2012[1927]) defende a tese de que o princípio para o perguntar reside no *dasein*, isto é, a estrutura fundamental na qual repousa o único dos entes que pode se questionar sobre o sentido originário do ser.

Nesse sentido, percebe-se que o *dasein* carrega consigo a precedência ontológica que possui relação direta com o perguntar. Mas, o que Heidegger entende por perguntar? Por certo não se trata meramente de um ato cognitivo, ou mesmo de uma mera estrutura formal e linguística se tomarmos como exemplo a própria complexidade da trama textual presente em *Ser e Tempo*, somos levados a crer que o perguntar, refere-se a um paciente trabalho meditativo em que o perguntar emerge como uma ascese resplandecida pelo olhar apurado em torno de uma experiência da linguagem. Entretanto, como lembra Pessoa na Modernidade:

A verdade do ser foi esquecida devido ao homem moderno só considerar a certeza dos entes. Tal fato ocorre, como indicado acima, primeiramente, pela nossa própria tendência de interpretar a realidade só a partir do que se tornou real, desconsiderando a sua possibilidade e, também, devido ao predomínio da interpretação moderna da verdade como certeza de uma adequação correta entre juízo e coisa. Dentre os diversos fatores que fomentaram e conduziram a destinação desse esquecimento, buscaremos compreender o que Heidegger caracterizou como a separação entre pensamento e ser, promovida pela interpretação moderna de essência e verdade (PESSOA, Fernando, 2009, p. 79).

Essa experiência da linguagem corresponde ao que Giacócia Junior (2013) chama de *poetar*, ou seja, a possibilidade do *dasein* proceder a meditação pelo sentido do ser a partir de uma dimensão originária que compreende o *nada desertificante* em que repousa toda busca pela verdade do ser. Em seu texto *Carta Sobre o Humanismo* Heidegger (2005) compreende que os pensadores e os poetas são os maiores responsáveis pelo cuidado com a linguagem desdobrado numa atitude crítica que recai sobre uma profunda análise em torno da nossa sociedade moderna. Trata-se, portanto de uma tarefa singular promovida por Heidegger no sentido de se questionar sobre o desenvolvimento tecnológico a qual somos assujeitados nos impele para a nossa própria catástrofe. Em outras palavras, o problema colocado pela ontologia fundamental heideggeriana consiste em nos fazer perceber como o descuido em relação ao problema do ser e o crescente empobrecimento da linguagem nos afastam cada vez mais do exercício de uma vida autêntica sobre a terra.

Percebe-se, deste modo, que a ontologia fundamental acaba por elaborar um interessante diagnóstico acerca da produção de uma espécie de colonização sobre o ser, na medida que todos os efeitos produzidos pelas metanarrativas modernas recaem sempre em torno de uma lógica coercitiva referendada por uma espécie de delírio onipotente da religião,

da política e da ciência na qual para cada pergunta lançada, se encontra uma resposta adaptativa e universal. Ousando traçar um paralelo da antiguidade com o tempo presente diríamos provocativamente que enquanto nas culturas antigas o sujeito lançava uma pergunta ao oráculo e obtinha uma resposta divinatória, hoje o sujeito pergunta e obtém em alto e bom som uma resposta advinatória.

É nesse contexto que a proposta de uma ontologia fundamental acaba por sinalizar a compreensão de que o pensamento é sinônimo de uma espécie de despertar. Um momento no qual se subtrai a necessidade compulsiva de encontrar-se respostas prontas e padronizadas que sempre potencializam a catástrofe remetendo o ser aos mais perigosos caminhos de alienação e de aniquilamento. Em seu testamento intelectual que recebe o curioso título em português de *Já Só Um Deus Nos Pode Ainda Salvar* Heidegger adverte que:

Tudo funciona. É precisamente isso que é inquietante: tudo funciona, e o funcionar arrasta sempre consigo o continuar a funcionar, e a técnica arranca o homem da terra e desenraiza-o cada vez mais. Eu não sei se não os assusta – seja como for, a mim assusta-me – ver agora as fotografias da Terra feitas da Lua. Não é preciso nenhuma bomba atômica: o desenraizamento do homem já está aí. Nós já só temos relações puramente técnicas. Já não é na Terra que o homem hoje vive. Há pouco tempo, tive uma longa conversa, na Provença, com o poeta e combatente da resistência René Char. Estão a construir bases para mísseis na Provença e a região desertiza-se de uma maneira inimaginável. O poeta – que, com certeza, não é suspeito de sentimentalismo, nem de uma adoração tola do idílio – dizia-me que se o pensar e o poeitar não conseguem alcançar o poder da não-violência, o desenraizamento que se está a dar do homem será o fim (HEIDEGGER, p. 29-30).

Esse despertar exige a iminência de uma outra leitura acerca da dimensão ontológica menos instrumental e mais analítica. Trata-se de um pensamento movente que assemelha-se a uma atitude maquínica de um recolhimento meditativo cujo os efeitos recaem sobre questões como a sobriedade e liberdade, dimensões ontológicas cujas ressonâncias estão diretamente implicadas na capacidade de recusarmos todos os encantamentos do uso compulsivo da tecnologia como única ferramenta possível para a atenuação de nossas angústias existenciais já que todo pensar corresponde a uma investigação sobre a verdade do ser.

3 Michel Foucault e a Ontologia Histórica de Nós Mesmos

Em uma de suas últimas entrevistas, ao ser interpelado sobre o estatuto de sua trajetória intelectual e militante, em torno da experiência da liberdade e da verdade, o filósofo francês Michel Foucault expõe que

Heidegger sempre foi para mim o filósofo essencial. Comecei a ler Hegel, depois Marx, e me pus a ler Heidegger em 1951 ou 1952; e ainda em 1953 ou 1952 – não me lembro mais – li Nietzsche. Ainda tenho as notas que tomei sobre Heidegger no momento em que o lia – são toneladas! -, e elas são muito mais importantes do que aquelas que tomei sobre Hegel ou Marx. Todo o meu futuro filosófico foi determinado por minha leitura de Heidegger (FOUCAULT, 2004, p. 253).

Conforme essas palavras sugerem, o próprio Foucault faz questão de mencionar a importância para as suas pesquisas dos trabalhos empreendidos por Heidegger desde os seus primeiros estudos ainda na década de 50 cuja perspectiva metodológica é composta pela orientação arqueológica dos sistemas de pensamentos, passando pela genealogia do poder e, seus últimos trabalhos dedicados a contextualizar uma genealogia dos modos de subjetivação. Enfim, as ressonâncias do pensamento heideggeriano compõem uma espécie de alegoria cujo fio condutor pode ser contextualizado pelo que Junior, Ramos e Ohara (2016) chamam de ontologia do tempo presente. Mas, quais seriam exatamente as condições de possibilidades dessa ontologia do tempo presente? Para que tal questionamento seja respondido com êxito se faz necessário interpretarmos uma passagem presente num texto muito conhecido em que Foucault (1995, p. 262) fala do caráter longitudinal de sua trajetória ao afirmar que

Três domínios da genealogia são possíveis. Primeiro, uma ontologia histórica de nós mesmos em relação à verdade através da qual nos constituímos como sujeitos de saber; segundo uma ontologia histórica de nós mesmos em relação a um campo de poder através do qual nos constituímos como sujeitos de ação sobre os outros; terceiro, uma ontologia em relação à ética através da qual nos constituímos como agentes morais.

Para Foucault (2005a) uma ontologia histórica de nós mesmos não seria uma tentativa de vislumbrar qualquer projeto utópico de liberdade ou de razão universal. Ela ocupa um papel que encontra-se inserido numa atitude experimental de liberdade, pois ela não a reivindica, e sim a exerce pelas linhas de fuga das rupturas, das práticas de transgressão e dos modos de resistência. A ontologia histórica de nós mesmos é, portanto, uma prática de liberdade inserida numa substância ética do trabalho do sujeito sobre si mesmo. Contudo, pode-se formular aqui os seguintes questionamentos: Quais seriam os limites que podemos ultrapassar no contexto da ontologia histórica de nós mesmos? Afinal de contas, o que está em jogo nessa análise é a questão de se compreender criticamente o tempo presente distinta, de acordo com Foucault (2005a) de outras leituras que esboçaram um olhar histórico em torno da atualidade e que podem ser resumidas em três teses principais. A primeira explicita que o presente deveria ser pensado como uma época distinta de outras por conta de suas características singulares. Esse é o caso da reflexão elaborada por Platão (1991) que no seu *Político* reconhece pertencer a um novo tempo por conta dos desdobramentos éticos assumidos em consequências negativas. A segunda denota a finalidade de se questionar o tempo presente a partir da decifração de determinado acontecimento por meio de uma hermenêutica histórica como o fez Santo Agostinho (1999) em *A Cidade de Deus*. Por fim, a última tese expõe que o presente deveria ser analisado como um ponto de transição que marcava a erupção de uma nova vida. Esse foi o caso de Vico (1985) que em *Princípios da Filosofia da História* antevia a sujeição do homem pelos regimes totalitários em nome do aparecimento de uma nova época responsável por conduzir à humanidade na direção da felicidade.

Eis, portanto o desafio lançado por Foucault (2005a, p. 215) “ao invés do sujeito analisar a modernidade como um fenômeno histórico, ele deve compreendê-la como uma

atitude”. Essa palavra – atitude – empregada por Foucault (2005a) corresponde ao diagnóstico da atualidade fomentado através de um exercício ético que vislumbra nos acontecimentos presentes em cada contexto uma forma de oposição e de resistência ao que Foucault (2005a) de contra modernidade.

Neste caso, Baudelaire (1996) seria uma das consciências mais agudas na opinião de Foucault (2005a) desta atitude de modernidade. Em *O Heroísmo da Vida Moderna* Baudelaire (1996) contextualiza a visão tragicômica na qual o sujeito moderno encontra-se mergulhado, pois nesse momento histórico o herói percorre as multidões em que fervilham as múltiplas experiências da existência vislumbrando poetizações em acontecimentos triviais. O encantamento produzido pela prosa baudelariana consiste, pois na leitura e na imersão do sujeito nos pequenos acontecimentos do cotidiano através de um mergulho pela porosidade da vida em que instituir uma leitura da modernidade significa assumir uma atitude em relação à modernidade assumindo todos os riscos de uma vontade heroica os acontecimentos do tempo presente.

Pensar o tempo presente é importante, para que se construa uma tessitura capaz de capturar os acontecimentos pelo que eles são. Não se trata de empreender uma leitura, cuja finalidade é a transformação global das coisas, mas sim a elaboração de um exercício de atenção para com a realidade, de modo que a liberdade possa ser experienciada. Este senso de experimentação da liberdade recai sobre uma ontologia histórica de nós mesmos, como a elaboração de um trabalho do sujeito sobre si mesmo. Isto é, um conjunto de práticas por meio das quais o sujeito toma a si mesmo como objeto de elaboração. Contudo, a questão principal desta atitude ética não é descobrir-se a si mesmo, mas sim inventar-se a si mesmo, tomando a própria vida como uma obra de arte.

Isto implica um dilaceramento do próprio corpo, por meio do qual o sujeito parte em busca de novas experiências éticas rompendo com todas as codificações e os dispositivos fazendo da vida um escândalo da verdade, isto é, trata-se de construir para si a imagem de um cinismo, que não conhece limites.

A leitura de Foucault aponta para uma nova possibilidade do sujeito experienciar a ontologia histórica de nós mesmos, como uma atitude crítica presente na história, ou melhor, nas relações do sujeito com a história. Construção de uma perspectiva política, cujos domínios recaem sobre uma genealogia, tanto dos modos de objetivação, quanto dos modos de subjetivação. Este é o *ethos* da ontologia histórica de nós mesmos pensada por Foucault (2005) no sentido de se visualizar o desafio de uma análise de nós mesmos, como sujeitos historicamente constituídos, a partir de uma atitude – limite.

4 Considerações Finais

Conforme se pôde observar, o ponto de correlação entre a ontologia fundamental em Heidegger e a ontologia histórica de nós mesmos em Foucault seria a crítica iminente em relação a atitude filosófica de se perceber os desdobramentos analíticos do tempo presente.

Entretanto, se Heidegger presente tal crítica numa história sobre o esquecimento do ser, Michel Foucault constitui uma alegoria das práticas pelas quais tanto as estratégias de saber, quanto as práticas de poder e os processos de subjetivação encontram-se articulados.

Nesse contexto, pode-se afirmar como as ferramentas instituídas por esses dois intelectuais nos auxiliam a pensar os desdobramentos de uma analítica em torno da qual circula o problema da filosofia como forma de vida. Isto é, a radicalidade desses dois modelos de ontologia corresponde a possibilidade de percebermos como a experiência do pensamento filosófico deve sempre estar situado dentro de uma leitura ácida e corrosiva sobre as experiências históricas de nossa época, pois segundo Duarte (2006, p. 113)

Tanto Foucault quanto Heidegger analisam a constituição da modernidade como época determinada pelo humanismo metafísico que projeta no ente humano o estatuto de fundamento fundado, isto é, que faz do homem sujeito e objeto do conhecimento científico, mutação decisiva da modernidade, operacionalizada pela multiplicação das microtecnologias de assujeitamento do homem e da natureza, as quais culminam na biopolítica contemporânea. Por outro lado, as análises ontológico-históricas de Heidegger parecem elucidar o fundamento metafísico das análises foucaultianas do biopoder, fenômeno histórico que também se deixa esclarecer sob a ótica da compreensão da modernidade como época regida pela vontade de poder da subjetividade antropológica.

Nesse sentido, há que se situar nos contornos dessas propostas de ontologias um fundamento ético que recai sobre o estatuto de crítica presente no contexto da atividade filosófica a partir dos diferentes projetos situados em direção a desconstrução das metanarrativas presentes nos mais variados campos do saber. Perspectiva essa que recai sobre o diagnóstico atento voltado para os contornos de um entrecruzamento da política, da ética e da história. É dessa forma que Heidegger e Foucault acabam sendo pensadores fundamentais para uma contextualização do nosso tempo presente.

Referências

DELEUZE, Gilles. **Espinosa**: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2012.

DUARTE, André. **Heidegger e Foucault, Críticos da Modernidade**: humanismo, técnica e biopolítica. Trans/Form/Ação. 29(2): 95-114, 2006.

FOUCAULT, Michel. Foucault em entrevista. In: DREYFUS, Hubert. RABINOW, Paul. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. O Retorno da Moral. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V**: ética, sexualidade, política. (pp.246-257). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. O Que São as Luzes? In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos II**: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. pp. 351-368. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005a.

GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. **Heidegger Urgente**: introdução a um novo pensar. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

HEIDEGGER, Martin. **Já Só Um Deus Nos Pode Ainda Salvar**. Lisboa: Lusofia, 1995. Disponível: http://www.lusosofia.net/textos/heidegger_ja_so_um_deus_nos_pode_ainda_salvar_der_spiegel.pdf. Acesso: 22/12/2017.

HEIDEGGER, Martin. **Carta Sobre o Humanismo**. In: HEIDEGGER, Martin. *Marcas do Caminho*. Petrópolis: Vozes, 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Campinas/ Petrópolis: UNICAMP/ Vozes, 2012 [1927].

JUNIOR, Hélio Rebello Cardoso. RAMOS, Igor Guedes. OHARA, João Rodolfo Munhoz. *Ontologia do Presente: uma proposta histórico-filosófica a partir do pensamento de Michel Foucault*. In: SOLER, Rodrigo Diaz de Vivar y. VAZ, Rafael Araldi. VOLACO, Gustavo Capobianco. **Michel Foucault e as Ciências Humanas**: transversalidades, leituras, apropriações. (pp. 67-86). Curitiba: CRV, 2016.

OLIVEIRA, Juliano de Almeida. Sobre o “Objeto” da Metafísica: de Heidegger a Tomás de Aquino. **Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia**. V.04, n. 10, p.01-21, 2012. Disponível: http://www.theoria.com.br/edicao10/sobre_o_objeto_da_metafisica.pdf. Acesso: 22/12/2017.

PESSOA, Fernando. Entre Pensar e Ser: Heidegger e Parmênides. **Anais de Filosofia**. v. 1, n. 1, pp. 78-86. Disponível: <http://www.afc.ifcs.ufrj.br/2007/pessoa.pdf>. Acesso: 22/12/2017.

PLATÃO. **O Político**. São Paulo: Abril Cultural, 1991.

SANTO AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. Petrópolis: Vozes, 1999.

STAFANI, Jaqueline. **O Logos em Heidegger**: lógica, verdade e metafísica. *Conjectura*, v. 14, n. 1, pp. 47-61, 2009.

VICO, Giambattista. **Princípios da Filosofia da História**. São Paulo: Abril Cultural, 1988.

ZUBEN, Newton Aquiles von. A Fenomenologia como retorno à ontologia em Martin Heidegger. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 34, n. 2, p. 85-102, 2011. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732011000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 22/12/2017.

Dom Quixote de la Mancha: A constituição de um sujeito de letras

Inês Staub Araldi*

Centro Universitário Facvest, Lages.

Resumo

O ensaio faz uma leitura das práticas de si do personagem de Miguel de Cervantes, Don Quijote, à luz da Hermenêutica do sujeito de Michael Foucault.

Palavras-chave: sujeito; mundo; subjetividade.

Don Quijote de la Mancha: Constitution of a Subject of letters

Abstract

The essay proposes an analysis of the practices of Miguel de Cervantes' Don Quijote, in the light of Michael Foucault's Hermeneutics of the Subject..

Keywords: Subject; world; subjectivity.

* Mestre em Ciências da Linguagem pela UNISUL e Doutora em Teoria Literária pela UFSC. Atua como assistente de pesquisa científica e tecnológica na FAPESC e é professora do Mestrado em Práticas Transculturais do Centro Universitário Facvest.

1 Introdução

O sujeito e o mundo. Ou melhor, o sujeito e sua relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Em torno deste argumento já se produziram acalorados embates teóricos cujo interesse não pode ser restrito, nem a um campo específico do conhecimento, nem a qualquer delimitação temporal. Dos filósofos da era clássica aos estudos multidisciplinares atuais, o tema suscita acaloradas, polêmicas e interessantes produções teóricas e artísticas, das quais nos servem basicamente a Filosofia e a Literatura na produção deste ensaio.

É a linguagem que serve de instrumento quando se trata de nominar todas as coisas sobre as quais o homem adquire certo conhecimento. Quando o simples nome não dá conta de realizar convenientemente a tarefa de esclarecer de que coisa específica se trata, elaboram-se os conceitos. Alguns destes podem ser descritos em poucas linhas, outros, no entanto, necessitam de tantos desdobramentos que originam vários volumes correlatos. Assim é com o conhecimento do homem pelo próprio homem.

“Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e os Deuses” é um aforismo escrito na entrada do santuário de Delfos, na Grécia Antiga, e chega até nós de forma reduzida, ainda que com ares de quem carrega uma verdade universal. Seria impossível rastrear os desdobramentos e as influências desta máxima, de modo que nosso recorte se atém a uma simples referência ao dualismo para logo em seguida se dedicar ao suporte teórico desta leitura.

Remonta à filosofia clássica o dualismo que separa o homem em duas partes. Uma física e material, outra menos palpável, pertencente ao mundo sensível, também chamada de alma, espírito e “meu eu”. São relevantes neste sentido os escritos de Platão e Descartes, sobretudo no que diz respeito ao entendimento de que o ser humano é corpo físico, do qual se ocupam as ciências exatas, mas é também “o outro” que habita o próprio corpo e que parece não caber nele.

É sobre este “algo” que compõe o ser humano e que não faz parte de sua corporeidade que vamos falar aqui, num curioso entrelaçamento entre os escritos de Michel Foucault e o Quijote de Miguel de Cervantes. Trabalho este que pode ser feito graças ao estilo peculiar de Cervantes, o qual cria um personagem que pensa acerca de si mesmo e age no sentido de tentar se transformar em algo que gostaria de ser. Nos servirá de ferramenta o curso consagrado a “Hermenêutica do Sujeito”, de Michel Foucault. No referido trabalho o autor apresenta uma investigação sobre a noção de “Cuidado de si” que trata de mostrar as técnicas, os procedimentos e as finalidades históricas segundo as quais, em uma relação determinada, o sujeito ético se constitui. Trata-se, como veremos, de um cuidado que não está relacionado ao corpo físico do sujeito, mas de um processo subjetivo que permeia a relação do sujeito consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

2 Sobre Foucault

O francês Michel Foucault é um autor cujas obras não podem ser facilmente rotuladas quanto à área do conhecimento a qual pertencem. Isto porque Foucault não tem a preocupação de originar novos conceitos acerca dos temas que aborda. Ao contrário, mobiliza os conceitos que são pertinentes ao objeto de seu interesse para demonstrar como estes operam. Suas pesquisas apóiam-se tanto em textos políticos, religiosos ou jurídicos, quanto em literários ou acadêmicos. Deste modo, suas obras tornam-se multidisciplinares e conquistam espaços para além das academias.

Foucault ensinou no *Collège de France* de janeiro de 1971 até sua morte, em junho de 1984. Nos cursos ministrados nesta instituição, o pesquisador dispunha de doze horas por ano para expor os sentidos das pesquisas realizadas no ano que acabara de transcorrer. Do curso ministrado de janeiro a março de 1982, resulta a obra que fundamenta este trabalho: *A Hermenêutica do Sujeito*. Como tema principal da rede conceitual foucaultiana mobilizada neste curso impõe-se o cuidado de si, ou melhor, os processos de subjetivação e os modos como estes processos operam na constituição do sujeito. Mais precisamente, em que forma de história foram tramadas, no Ocidente, as relações que não estão suscitadas pela prática ou pela análise histórica habitual, entre estes dois elementos: o “sujeito” e a “verdade” (FOUCAULT, 2004, p. 4).

Para Foucault, as relações entre o sujeito e a verdade são decorrentes de um processo histórico, ao qual ele retoma através de uma abordagem que contraria as indicações correntes de que a prescrição délfica do *gnôthi seautón* (“conhece-te a ti mesmo”) opere como fórmula fundadora da questão das relações entre sujeito e verdade, optando por uma noção marginal para a qual a historiografia da filosofia até então não concedeu a menor importância. Trata-se da noção de “cuidado de si”, termo com o qual tenta traduzir uma noção grega: a *epiméleia heautoû*, que é o cuidado de si, o fato de ocupar-se consigo mesmo, de preocupar-se consigo, etc.

Conforme explicita, quando o preceito délfico *gnôthi seautón* aparece no pensamento filosófico, aparece em torno do personagem de Sócrates. Quando surge, este preceito está, de uma maneira significativa, “acoplado”, “atrelado” ao princípio do “cuida de ti mesmo”. É bem mais como uma espécie de subordinação relativa ao preceito de cuidado de si que se formula a regra “conhece-te a ti mesmo”. Para Foucault, o *gnôthi seautón* aparece, de uma maneira bastante clara no quadro mais geral da *epiméleia heautoû* “como uma das formas, uma das consequências, uma espécie de aplicação concreta, precisa e particular, da regra geral: é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidado contigo mesmo” (FOUCAULT, 2004, p. 7).

3 O cuidado de si e a constituição do sujeito

Como já foi dito, Michael Foucault é um autor cuja pesquisa apresenta um

desenvolvimento mais temático que conceitual. Trata-se de um pesquisador cujo pensamento não pode ser limitado por separações arbitrárias como áreas do conhecimento ou esquemas teóricos. Segundo Fonseca:

Diante de um pensamento que se recusa a recorrer a unidades como eventuais eixos de trabalho, temas essenciais, assuntos de maior ou menor importância, mas em que são admitidas apenas preocupações e inquietações que permanecem de forma mais ou menos frequente na maior parte dos trabalhos, parece ser possível tão-somente enunciar eventuais escolhas temáticas com base naquilo que se procurará estudar dentro do conjunto de tais preocupações e inquietações (FONSECA, 1995, p.10).

As inquietações foucaultianas que motivaram o curso que resultou na obra “A Hermenêutica do Sujeito” estão relacionadas a temas recorrentes em seus trabalhos. Ao problematizar a constituição histórica das diferentes formas de sujeito e dos diferentes processos de subjetivação que esta constituição acarreta, Foucault não desenvolve uma teoria do sujeito e nem uma teoria da subjetividade. Para fazer uma abordagem histórica e crítica dos processos de subjetivação relacionados à emergência do sujeito ético, realiza uma leitura não verticalizada e sim transversal, dos diversos momentos históricos em que o tema em questão emerge de modo significativo. Seu trabalho é realizado com o objetivo de demonstrar “de que maneira este princípio de precisar ocupar-se consigo mesmo tornou-se, de modo geral, o princípio de toda conduta racional, em toda vida ativa que pretendesse, efetivamente, obedecer ao princípio da racionalidade moral” (FOUCAULT, 2004, p. 12-13).

O primeiro recorte significativo a ser explorado no curso, Foucault busca na obra de Sócrates, “Diálogo com Alcibiades”. Para o autor, se vemos surgir de modo muito explícito e claro a noção de cuidado de si desde o personagem de Sócrates, esta noção seguiu o decurso de toda filosofia antiga até o limiar do cristianismo. Também reencontramos a noção de epiméleia no cristianismo ou no que constituiu, até certo ponto, seu entorno e sua preparação: a espiritualidade Alexandrina.

Uma vez que esta noção, no curso da história, ampliou-se, multiplicaram-se suas significações e estas se deslocaram também, Foucault destaca as seguintes noções compreendidas pela noção de *epiméleia heautoû*:

- O tema é uma atitude geral, um certo modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relação com o outro. É uma atitude para consigo mesmo, para com os outros e para com o mundo.
- É também certa forma de atenção no olhar. O cuidado de si implica que se converta o olhar, do exterior, dos outros, do mundo, etc., para “si mesmo”.
- Por fim, a noção de *epiméleia heautoû* designa sempre algumas ações que são exercidas de si para consigo, e pelas quais nos modificamos, nos purificamos e nos transfiguramos.

Para Foucault, a fórmula “ocupar-se consigo” emerge nos textos platônicos com Alcibiades. Esta leitura funciona como um ponto de referência na filosofia clássica, o que não

significa que a prática de ocupar-se consigo tenha aí sua origem. Trata-se de um tema pré-filosófico que deu lugar a números procedimentos mais ou menos ritualizados. Este texto traz, no entanto, o testemunho de um destes momentos em que é feita a reorganização progressiva de toda velha tecnologia do eu que é, portanto, bem anterior a Platão e a Sócrates (FOUCAULT, 2004, p. 64).

Duas questões são pontuais em Alcebiades: a primeira: o que é este eu com o qual o sujeito deve ocupar-se? Em segundo: no que deve constituir esta ocupação, este cuidado, esta epiméleia? Para Sócrates, este eu do qual o sujeito se deve ocupar é a alma. Não a alma separada do corpo, essência divina. Mas unicamente a alma enquanto sujeito de ação, que se serve dos órgãos do corpo e de seus instrumentos, tais como a linguagem. Não se trata, como já foi dito, da alma enquanto substância, mas da alma sujeito. Ocupar-se consigo mesmo, com o próprio Alcebiades, não pode então significar cuidar de seu corpo ou de sua aparência, mas ocupar-se de sua própria alma, enquanto ela é sujeito de ação e se serve mais ou menos bem de seu corpo, de suas aptidões, de suas capacidades etc. (FOUCAULT, 2004, p. 73).

Se cuidar de si é cuidar da alma, a questão que se coloca é como o conhecimento da alma pode se tornar possível. Sócrates exemplifica através da metáfora do olho¹ que uma alma somente se verá, e então poderá conhecer-se, quando dirigir seu olhar para um elemento não semelhante a ela, mas mais luminoso e mais puro. Este elemento é o divino.

Ocupar-se de si é, primeiramente, conhecer-se. E para conhecer a si mesmo é preciso dobrar-se sobre si, desligar-se das sensações que iludem e estabelecer a alma em uma fixidez que a desvincule de todos os acontecimentos exteriores. Sócrates faz do conhecimento divino a condição do conhecimento em si, uma vez que para conhecer-se é preciso olhar para um elemento que seja o próprio princípio do saber e do conhecimento. E este princípio é divino.

É a partir da trajetória do diálogo de Sócrates com Alcebiades que Foucault acredita ser possível isolar a pura noção das práticas da *epiméleia heautoû*, de sua elaboração no pensamento grego, helenístico e romano. Trata-se da relação do cuidado de si com a política, a pedagogia e a erótica dos rapazes. Na relação com a política, cuidar de si é ao mesmo tempo um privilégio e um dever dos governantes. Na relação com a pedagogia, será preciso ocupar-se consigo em qualquer situação, porque toda e qualquer pedagogia é incapaz de nos assegurar o necessário cuidado de si. Já a relação amorosa mestre – discípulo, comum na Grécia Antiga, tenderá a desaparecer na técnica de si e na cultura de si no período helenístico e romano.

Nos séculos I e II de nossa época, “ocupar-se consigo tornou-se um princípio geral e incondicionado, um imperativo que se impõe a todos, durante o tempo todo e sem condições de status” (FOUCAULT, p. 103). Também não se manifesta mais unicamente na forma de

1 Sócrates pergunta: sob que condições um olho se vê? E responde: quando percebe sua imagem devolvida no espelho, ou quando se olha no olho de alguém, quando um olho se olha no outro olho. A identidade de natureza é a superfície de reflexo onde o indivíduo pode reconhecer-se, conhecer o que ele é. Quando um olho percebe-se assim no olho do outro, é no olho que ele se vê, ou no elemento particular do olho que é a pupila, elemento no qual e pelo qual se efetua o próprio ato da visão.

cuidado de si, mas se integra a um conjunto de vocabulário que designa as práticas de si. No mundo grego, o cuidado de si estava relacionado a uma perspectiva de governo do outro, da cidade. Com os estoicos, tornou-se uma obrigação de todos, como um princípio universal, desvinculado da preparação para o governo através da política.

É também neste período que a figura do outro adquire notoriedade na prática do cuidado de si, aparecendo como mediador entre a forma de salvação e o conteúdo que se lhe há de fornecer. Surge o mestre do cuidado de si, cuja figura aparece tanto nos diálogos socrático-platônicos quanto no *Alcebíades*. Nos textos pesquisados, Foucault reconhece três tipos de maestria: a do exemplo, na qual o outro, o mestre, é modelo de comportamento. São eles os heróis, os grandes homens que se conhece através das narrativas das epopeias; a maestria da competência, que se dá pela simples transmissão de conhecimentos, princípios ou aptidões; e a maestria socrática, exercida através do diálogo. O aprendiz deve saber o que não sabe e buscar na memória o que sabe mas não sabe que sabe.

O objetivo da maestria é que “o indivíduo deve tender para um status de sujeito que ele jamais conheceu em momento algum de sua existência. Há que substituir o não sujeito pelo status de sujeito, definido pela plenitude da relação de si para consigo” (FOUCAULT, 2004, p. 160)”. Deste modo, o mestre constitui-se no mediador na relação do indivíduo com sua constituição de sujeito.

Quem ainda não iniciou o percurso da filosofia e nem a prática do cuidado de si, encontra-se no estado de *stultitia*, aberto ao mundo exterior e recebendo suas representações sem análise ou questionamento. Para sair do estado de *stultitia*, é necessária a figura do outro, do filósofo.

Ao buscar na antiguidade os processos de subjetivação que determinavam as práticas de subjetivação, Foucault parece demarcar as diferenças em relação à modernidade, nas formas de constituição do que hoje denominamos sujeito. Nas culturas greco-romanas os espaços de constituição do sujeito enfatizam escolhas e uma certa liberdade na produção de si. A preocupação consigo mesmo e o cuidado de si como um processo de construção do eu constitui-se em uma das regras fundamentais e significativas para a conduta pessoal e social na arte de si. O indivíduo constituía-se no objeto da construção do sujeito, na busca e no cuidado de si.

Na tradição cristã acontece uma inversão. A prática do cuidado de si é ofuscada pelo conhecimento de si. É preciso conhecer-se para renunciar a si mesmo. O cristianismo marca, segundo Foucault, outro período de transição no campo da relação consigo e com os outros. A dimensão ética do cuidado de si foi atravessada por pressupostos religiosos, cedendo sua função estética em prol da renúncia de si. Desta forma, a prática de si do cristianismo é radicalmente diversa da ética do cuidado de si do período pagão.

Para Foucault, dois elementos problematizam no Ocidente a questão do eu e da relação consigo: a universalidade do apelo e a raridade da salvação. Decorre destes elementos toda uma prática na relação consigo, o trabalho de si para consigo, na descoberta de si por si

mesmo, em busca de “salvar-se e realizar a própria salvação”. O cristianismo proclamou-se o caminho para a salvação da alma ao instituir uma analogia entre transformação de si mediante práticas religiosas, a decifração da verdade cujo expoente é sempre divino e indubitável, e a salvação da alma mediante a conduta adequada.

4 O sujeito Alonso Quijano/Dom Quixote de la Mancha

Ao mobilizar o conjunto de práticas relacionadas ao cuidado de si e do conhece-te a ti mesmo, Foucault evidencia como estas práticas operam no processo de construção deste que reconhecemos como sujeito de ação. Os conceitos mobilizados para exemplificar as práticas operantes são recolhidos em determinado período histórico-filosófico e podem ser revistos por quem se interessar, consultando as fontes sempre citadas pelo autor.

O que se pretende agora, à maneira de Foucault, é percorrer um dos textos narrativos mais famosos em todo mundo com o objetivo de relacionar as práticas de si que originaram o mais famoso personagem de Miguel de Cervantes Saavedra, o Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de la Mancha. O indiscutível sucesso da obra de Cervantes parece estar relacionado à maneira bastante singular pela qual o autor constrói seu personagem. As qualidades de Dom Quixote e sua atitude singular na prática de si, no cuidado com o outro e nas representações que faz de seu mundo, Cervantes não as tirou do nada. Ele apenas as recolheu, purificou, cristalizou em seu personagem maior.

O período de transição histórico-filosófica cultural em que se situa a obra de Cervantes corresponde àquele ponto de tangência entre a Baixa Idade Média e as primeiras luzes da Renascença. A história da Espanha nos últimos anos de Cervantes é a história da decadência do século de ouro de Carlos V e Filipe II. O fim do século XVI e o início do século XVII foram marcados por duas bancarotas da monarquia e por uma situação de pobreza da população em geral, em grande parte causadas pelo financiamento das batalhas contra os mouros. Isto sem falar na Peste Negra, que dizimou a terça parte da população espanhola no mesmo período. A crise econômica espanhola atingiu duramente a família de Cervantes, envolvendo o autor, seu pai e seu irmão Juan em complicações de toda ordem.

Cervantes ganhava a vida como cirurgião-barbeiro, um profissional que, além das tarefas habituais, também aplicava sangrias, preparava unguentos e curativos em geral. Em 1569, viaja para a Itália a serviço do futuro cardeal Giulio Acquaviva, na função de camareiro. Cansado dos trabalhos rotineiros e esperançoso de atingir a fama e a fortuna através do exercício das armas, alista-se no exército já no ano seguinte. Participa da famosa batalha naval de Lepanto, contra os turcos otomanos (1571), na qual combateu com valentia, muitas vezes ignorando as enfermidades que o acometiam. Na referida batalha, foi atingido por um tiro de arcabuz que lhe causou lesões no peito, despedaçou sua mão esquerda e lhe rendeu o apelido de “O Manco de Lepanto”.

Cervantes permaneceu no exército sob o comando de Dom João de Áustria e participou ainda de diversas campanhas militares. Em 1575, decidiu retornar à Espanha. Seu navio, a

galera El Sol, foi a pique e Cervantes foi capturado por corsários, que o venderam como escravo na Argélia. Viveu cativo durante cinco anos, de 1575 a 1580. Resgatado por sua família, passa a trabalhar como comissário de provisões da Invencível Armada e depois como cobrador de impostos. Em 1597 é encarcerado após ser condenado a pagar uma dívida exorbitante. No prefácio do primeiro volume Cervantes se refere à obra como “gerada no cárcere, onde toda incomodidade tem seu assento e todo o triste ruído faz sua habitação”.

Entremeadas à vida pessoal de Miguel de Cervantes Saavedra, a história mundial e espanhola escrevem páginas determinantes na formação da sociedade ocidental. Conflitos armados estabelecem fronteiras geográficas e impõem modelos de comportamento. A Companhia de Jesus aspira unir a disciplina militar e o fanatismo religioso sob a bandeira da cruz, para defender o cristianismo ameaçado pelos mouros. Os integrantes da Companhia eram treinados em exercícios espirituais difundidos pelo manual de ascese de Inácio de Loyola. Os Autos de fé põem de joelhos os simples e a rígida moral cristã determina as condições de verdade do comportamento ético.

O pacato fazendeiro que enlouquece de tanto ler novelas de cavalaria, segue o código de honra da cavalaria andante, sobre o qual aprendeu nos livros. O ponto crucial do programa cavaleiresco que Cervantes engendra como pano de fundo para as aventuras de Dom Quixote é a ética da honra, que se centra na defesa de uma liberdade que é individual, mas que pertence a todos. Liberdade de ir para onde quiser e voltar quando o desejar; liberdade de amar incondicionalmente e de se recusar a retribuir afetos; liberdade de expressão para homens e mulheres, nobres e plebeus; liberdade para os cativos. Cervantes alicerça seu enredo em uma perspectiva antropocêntrica e ergue um ideal ético para o sujeito moderno, o do sujeito que ama incondicionalmente e que cria seu próprio mundo em torno deste amor doação.

Segundo Foucault, uma das noções fundamentais da *epiméleia heautoû* é uma atitude geral, um certo modo de estar no mundo e de interagir com as coisas deste mundo. A duvidosa loucura de Dom Quixote fundamenta-se em uma maneira peculiar de estar no mundo de maneira diferente dos demais personagens da obra, mas de maneira análoga a de todos os visionários reais e fictícios que desenvolveram a habilidade de colocar seus ideais acima de quaisquer questões de ordem racional. Montado em Rocinante, o Cavaleiro da Triste Figura percorre indefinidamente as cercanias da Mancha, como que cavalgando acima das coisas do mundo empírico, questões menores para quem está destinado a proteger viúvas e crianças, desfazer agravos, amparar donzelas, proteger reinos que não são seus. Não importa a força do gigante, se o braço é valoroso. Tampouco importa o tamanho dos exércitos, se a vitória será dedicada à merecedora donzela, Dulcinéia Del Toboso.

Toda vida de Dom Quixote é um drama causado por sua filosofia particular, causadora da tragédia absoluta de um espírito que luta para transformar a realidade ao seu modo de representação, no intuito de “endireitar os tortos” e transformar o mundo naquilo que gostaria que fosse. É assim que as camponesas são elevadas à condição de princesas, rebanhos de

ovelhas tornam-se exércitos poderosos, moinhos de vento são enormes gigantes, prisioneiros da coroa são injustamente conduzidos às galés.

É na semelhança sempre frustrada entre as coisas do mundo real e as de seu universo particular que Dom Quixote pode ser considerado um louco mais sensato do que a maioria daqueles que são tidos como normais. Sua conduta livresca revela a origem das condutas humanas condensadas em volumes universais e que, de tão profundamente arraigadas ao que pode ser considerada a humanidade do ser, parecem pertencer a ele como sua própria existência. Revela também, por analogia, que somos todos produtos de práticas cuja origem quase sempre está relacionado à historicidade de um determinado contexto histórico-filosófico em que nos cabe viver.

Outra noção fundamental que Foucault destaca da *epiméleia heautoû* é uma certa atenção no olhar. Trata-se de um movimento que implica na conversão do olhar do exterior, dos outros, do mundo, para si mesmo. Assemelha-se a um exercício reflexivo, no qual o sujeito volta-se para si mesmo em uma espécie de análise de suas práticas, objetivando uma transformação naquilo que reconhece como sua essência.

Em um exercício de mera imaginação, consideremos as longas noites que Alonso Quijano passa em claro, a ler suas estimadas novelas de cavalaria. Não se pretende aqui considerar estas leituras como as práticas de si a que se refere Foucault, uma vez que tal não somente significaria uma grosseira redução da abordagem do autor, como também implicaria em desconsideração à genialidade criativa de Miguel de Cervantes na elaboração de seu personagem. Consideremos, no entanto, a transformação que tais leituras operam no indivíduo Alonso Quijano, um pacato fazendeiro com “pouco sal na moleira”. Enquanto indivíduo, ele é “um fidalgo de lança guardada no cabide, adarga antiga, rocim frouxo e galgo corredor” (CERVANTES, 1991, p. 27). Alimenta-se ritualmente e usa trajes diferenciados aos sábados e domingos. Mora com uma ama que passa dos quarenta, uma sobrinha de que não chega aos vinte, e um criado que é pau pra toda obra. Amante dos livros, devora novelas de cavalaria até transcender sua insípida existência e fazer surgir o Outro, o simulacro cuja dissimilitude não se reporta às armas enferrujadas dos avós, que são polidas e adaptadas, nem mesmo à improvisada armadura e ao Elmo de Mambrino que o investem cavaleiro.

Inevitável e irremediavelmente contaminado pelo universo imaginário dos valorosos cavaleiros medievais, Alonso Quijano é abduzido pela metamorfose que o condena a uma vida confinada a sua pacata e decadente fazenda, único lugar onde ainda pode existir por si só. Isto porque, fora de seu mundo circundante², Rocim se transforma em Rocinante e carrega consigo Dom Quixote de La Mancha, um cavaleiro tão singular que suas aventuras merecem adjetivo próprio: quixotescas.

Ao transpor as fronteiras de seu universo particular, Alonso Quijano rompe as amarras e

2 Segundo Gadamer (1996), o mundo circundante é o *milieu* em que vivemos, e a influência deste sobre o nosso caráter e sobre o nosso modo de vida é o que confere significação a esse mundo circundante. Significa dizer que este mundo circundante é modelador de conduta e de visão de mundo, e que transpor estes limites pressupõe bem mais que vencer barreiras geográficas.

se liberta de sua dependência em relação às “verdades” que aceitam conformar-se aos modelos reconhecidos como verdadeiros em seu mundo circundante: uma fazenda localizada em um pequeno povoado no interior da Espanha do século XVI, e realiza a metamorfose que vivifica Don Quixote de la Mancha. Liberto das determinações de conduta moral e social indispensáveis à existência do velho fazendeiro, Dom Quixote é a cópia subjugando seu original análogo, encarcerando-o no fundo de uma consciência que se mantém inconsciente. A cópia suplanta o original e o relega a uma participação insignificante em sua própria aventura. Para o original, a inconsciência e a inexistência. Para o simulacro, a glória de cavalgar pelas cercanias da Mancha e realizar feitos memoráveis.

Por fim, a noção de *epiméleia heautoû* designa sempre algumas ações que são exercidas de si para consigo, e pelas quais nos modificamos, nos purificamos e nos transfiguramos.

Dom Quixote é, por si só, o próprio conceito de transformação. Faz do código dos cavaleiros andantes seu manual de conduta e sobre cujas práticas jamais lhe ocorreu questionamento ou permitiu que outrem se atrevesse a pôr em dúvida sua condição de verdade. Há, no entanto, um episódio curioso que merece ser destacado como uma hilariante prática de si, realizada pelo personagem por ocasião de sua permanência na Serra Morena. Dom Quixote envia Sancho de volta ao povoado para entregar uma carta a sua amada Dulcinéia, não sem antes solicitar que o fiel escudeiro testemunhe as sutilezas de enamorado que está disposto a fazer em homenagem a tão nobre dama. “Despindo as calças a toda pressa, ficou em carnes e em fraldas de camisa, e logo, sem mais nem mais, deu dois pinotes no ar e, de cabeça para baixo e com os pés para o alto, fez duas cabriolas, descobrindo coisas que, para não vê-las outra vez, voltou Sancho as rédeas ao Rocinante, e se deu por contente e satisfeito, pois agora podia jurar que seu amo ficara louco” (CERVANTES, 1991, p. 233). Após verificar a partida de Sancho, Quixote se põe a pensar, como já havia feito outras vezes sem chegar a uma conclusão, se lhe viria mais a calhar imitar a Roldão, nas loucuras desafortadas que fez, ou a Amadis de Gaula, nas melancólicas. Em seu meditar, considera que, se Roldão foi tão bom e valente cavaleiro como diziam, isto não lhe trouxera nenhuma vantagem em especial, uma vez que vivia encantado, fora traído por sua amada Angélica e, por fim, acabara louco. Por outro lado, sem fazer quaisquer loucuras, Amadis alcançara a fama de enamorado que jamais fora superada por nenhum outro cavaleiro. Sendo assim, haveria de imitá-lo em suas práticas, no intuito de alcançar fama semelhante.

Ao considerar as possíveis práticas pelas quais sua conduta poderia ser transformada, Dom Quixote é o louco se fazendo de louco. Realiza a subversão das práticas de si, as quais transforma em meras demonstrações de algo que não pode ser alcançado pelo observador externo. Nas cabriolas de Quixote, descobre-se a nudez dos autos de fé, dos rituais religiosos, das cerimônias civis e militares, enfim, de todo um conjunto de práticas que uns copiam dos outros, objetivando evidenciar a si mesmos como senhores de uma conduta superior e legitimada que, por não ser compreendida em sua totalidade, deve ser aceita.

5 Considerações finais

É bastante provável que o inegável trânsito que as obras de Michel Foucault têm entre as diversas áreas do conhecimento se deva ao fato de que seu trabalho geralmente envolve inquietações nas quais nos reconhecemos todos. Acompanhar a sua “Hermenêutica do Sujeito” implica em redescobrir práticas do cuidado de si e, evidentemente, do conhece-te a ti mesmo, às quais nossa condição de existência está intimamente relacionada. Embora se trate de refazer a trajetória histórica destas práticas, é a constituição do atual sujeito ético que interessa, não somente a Foucault, mas a todos que acompanham seu trabalho.

As inquietações de Michel Foucault são sempre atuais, assim como o idealismo de Miguel de Cervantes também o é. Dom Quixote é nosso contemporâneo, e podemos dizer à moda de Raul Pompéia, que seu simbolismo será tanto mais presente, tanto mais expressivo, quanto mais espessa for a moral dos desânimos, quanto mais longe forem os tempos da vesânia generosa da humanidade.

Miguel de Cervantes Saavedra é um idealista cuja consciência lhe ensina que a fé é pura ilusão diante de uma realidade que possui suas próprias leis, a qual engendra os sujeitos segundo um conjunto de práticas que, quer sejam individuais ou institucionalizadas, permanecem interligadas e interdependentes.

A morte de Dom Quixote é a morte do diferente, do sujeito que não conformava seu modo de existir ao contexto no qual lhe coube viver. Por isso lamentava a época em que nasceu e glorificava o feliz século que ainda estava por vir, em que suas aventuras poderiam ser cantadas em verso e prosa, entalhadas em mármore, transformadas em epopéia. É também uma morte simbólica, pois o cavaleiro ainda vive na imaginação de seus leitores, após quatro séculos. Em sua cruzada pela Mancha o Cavaleiro da Triste Figura carrega a bandeira de seus leitores que o seguem intrigados. Isto porque é comum a loucos e sensatos a capacidade de sonhar, mentir, desejar e querer. Dom Quixote representa todos os modos de ilusão e ideal que o homem carrega em sua alma e que são o impulso e a razão de sua vontade de viver.

Referências

- CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha**. Rio de Janeiro: Villa Rica, 1981.
- FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**, São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdad y método**. Salamanca: Sígueme, 1996.

Lima Barreto :**

breve discussão sobre a (não) fronteira entre vida e obra

Keli Cristina Pacheco*

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa.

Resumo

A divisão entre obra e vida em Lima Barreto ainda engendra debates críticos. Neste artigo passeamos rapidamente pela imagem edificada por alguns de seus leitores, também eles escritores, como João Antônio e Osman Lins. Pretendemos ainda discorrer sobre a fronteira entre vida e obra no espaço literário, conforme conceitua Maurice Blanchot, e como essas fronteiras se interpenetram, se esfumaçam, quando tomamos o caso de Lima Barreto.

Palavras-chave: Lima Barreto; espaço literário; subjetividade; exílio.

Don Quijote de la Mancha: Constitution of a Subject of letters

Abstract

The division between work and life in Lima Barreto still engenders critical debates. In this article we study quickly the image constructed by its readers, also writers, like João Antônio and Osman Lins. We also intend to discuss the frontier between life and work in literary space, as conceptualized by Maurice Blanchot, and how these borders interpenetrate, when we take the case of Lima Barreto.

Keywords: Lima Barreto; literary space; subjectivity; exile.

** Uma primeira versão desse texto foi apresentada no evento “Diálogos: História, Jornalismo e Literatura”, com o tem Lima Barreto, em maio de 2017, na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

* Mestre em Literatura Brasileira e Doutora em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora adjunta de Teoria Literária e Literaturas de Língua Portuguesa no Departamento de Estudos da Linguagem. Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Ultimamente Lima Barreto (1881-1922) e sua obra tem recebido atenção da crítica. O autor foi homenageado da 15ª Festa Literária Internacional de Paraty, celebração que chega quatro anos depois de uma campanha feita pela internet que alcançou cerca de mil assinaturas solicitando a homenagem ao autor. Essa repentina valorização de sua obra promoveu a aparição de uma série de reedições de textos seus antes esgotados, bem como a publicação de uma nova biografia, depois da escrita por Francisco de Assis Barbosa no início da década de 50.

A crítica Carmen Lúcia Negreiros escreveu, no *Suplemento Pernambuco*, uma resenha em que compara as biografias: a atual, elaborada por Lilia Schwarcz, *Triste Visionário*; e a de Assis Barbosa, *A vida de Lima Barreto*, reeditada recentemente também em ocasião das homenagens ao autor. Em seu texto, Negreiros se pergunta sobre o fascínio em torno da vida do autor, relegando a sua obra ao segundo plano, e tece poucos elogios à biografia de Schwarcz, elencando uma série de críticas negativas, notadamente à vinculação da vida à obra, ao reforçar a leitura de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* como um romance *à clef*. Sabidamente Barbosa chamou-o de obra satírica e, para Negreiros, Schwarcz, em sua recente leitura, retira a autonomia da obra, pois acredita que ela precisaria de uma contextualização para seu pleno entendimento, acrescentando que, na segunda parte, o romance vai ficando menos cuidadoso, mais rancoroso, enfim afirmando que se trata de um romance *à clef*.

As opiniões de Schwarcz, para Negreiros, tomam como referência crítica a proximidade ou distância que determinada obra de Lima Barreto tem em relação a sua vida, nesse sentido, a obra em sua totalidade, é considerada uma produção de literatura *à clef*. Negreiros, apesar de criticar a situação de dependência a qual Schwarcz lança o romance de estreia de Lima Barreto, ainda parece pautar seus argumentos na oposição arte e vida, apesar de citar Silviano Santiago, que vê na mescla entre autobiografia e ficção a potência do híbrido, ao final a crítica questiona qual a relevância para os estudos literários em qualificar a obra a partir da vida do autor (Ver NEGREIROS, 2017).

Desde os estudos de Maurice Blanchot se sabe que a fala no espaço literário é uma fala errante, exterior, não interpelativa, espaço único de acolhimento daquele que é destituído de qualquer poder ou possibilidade de poder, de agir ou mover seu desejo. Blanchot, em *O espaço literário*, estuda os diários de Franz Kafka, judeu afastado do próprio judaísmo por conta do pai, mas, mesmo impedido da prática, ainda judeu, fisicamente judeu, em um mundo em crescente hostilidade ao seu corpo. Nesse sentido, a experiência do escritor judeu se assemelha ao jovem intelectual negro brasileiro, também um corpo indesejado na capital da primeira república. A literatura será para ambos o espaço da afirmação, não de um “Eu”, mas de uma passagem do “Eu” ao “Ele”, uma “força que afasta a opressão do mundo, ‘esse mundo onde todas as coisas sentem a garganta apertada” (BLANCHOT, 1987, p. 68).

Nesse sentido, a dicotomia entre real e ficção, vida e obra, ao se pensar em produções de sujeitos socialmente vulneráveis, como tantos o são, parece perder o sentido, quando toda e qualquer afirmação que parta deles muitas vezes só pode ser realizada no espaço de face negativa, onde nada pode ser de fato afirmado, que é a literatura. Em breves linhas, podemos lembrar que Osman Lins performatiza essa ideia de literatura em *A rainha dos cárceres*, ao expor alianças entre a literatura de Júlia e a loucura de Maria de França, personagem de seu romance, que não nos chega inteiro, mas por comentários de um narrador, professor de História Natural, com quem Júlia vivera. São sucessivas camadas narrativas, mas a que nos chega à luz é a versão do homem. Em um dos poucos fragmentos da obra de Julia, Lima Barreto figura como um santo para a escritora nordestina:

Santo Afonso Henriques! Fazei de mim uma escritora. Mas só isto. Nada de festivais, de júris em concursos (de beleza ou literários), de cargos em repartições chamadas culturais, de capelas, de frases de espírito. Livrai-me do fascínio que tantos dos nossos autores, hoje, têm pelo convívio com os ricos, pela adoção obrigatória de livros seus na área estudantil, pelas viagens com passagem e hotel pagos. Fazei-me orgulhosa da minha condição de pária e severa no meu obscuro trabalho de escrever. (Dos papéis de J. M. E.) (LINS, 2005, p. 53).

Lima Barreto homenageado da Flip é, em Lins, o santo da escritora que não deseja homenagens em festivais, que deseja apenas um pacto com a literatura, com o ato da escrita, com o escrever, o que Blanchot nomina “exigência soberana”, onde nada pode ser coroado de êxito, uma vez que

[...] a obra exige do escritor que ele perca toda a ‘natureza’, todo o caráter, e que, ao deixar de relacionar-se com os outros e consigo mesmo pela decisão que o faz ‘eu’, converta-se no lugar vazio onde se anuncia a afirmação impessoal (BLANCHOT, 1987, p. 49-50).

Esse é o espaço literário, nele Lima Barreto criou, e dele algumas imagens do escritor chegam aos seus leitores, duas delas foram mais comumente edificadas pela crítica. Por um lado, Lima Barreto foi visto como um maldito e injustiçado; por outro, como um desleixado e desconhecedor da forma narrativa e das normas do bem escrever, enfim, um escritor menor de *roman à clef*. Porém, em uma leitura mais atenta de seus romances, contos e crônicas, publicados no início do século XX, salta outra visão: a de Lima Barreto como um homem lúcido, um espírito crítico, de atos coerentes ao seu discurso, ao mesmo tempo imerso e observador de seu tempo, em textos que transbordam a vitalidade de um pensamento que se moldou em uma sociedade feita toda conte ele, como afirma Resende: “A sociedade brasileira do início do século, [...] racista e preconceituosa, em um país que aboliu a escravidão quando nosso autor já tinha 7 anos, não estava disposta a permitir que aquele neto de escravos tivesse acesso à elite intelectual [...]” (RESENDE, 2004, p.10).

Em *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, romance bastante experimental em sua forma narrativa, sempre em aberto, não conclusivo, Gonzaga de Sá, um velho funcionário público, leitor e pensador intensivo, descreve ao amigo Augusto Machado, biógrafo e narrador do romance, seu método: “Gosto de jornais obscuros, dos jornais dos que iniciam. Gosto dos começos, da obscura luta entre a inteligência e a palavra, das singularidades, das

extravagâncias, da livre ou buscada invenção dos principiantes”. E passa a ler o sumário da *Pesquisa*, de Cascadura, revista acadêmica, causando no amigo a admiração de que em tão “detratado subúrbio, se agitassem ideias diferentes e novas”. Gonzaga então afirma: “Há entre nós muito talento”, revelando sua forma de entrar em contato com a inteligência de sua terra: “leio as revistas obscuras e alguns jornais de província”. (BARRETO, 2001, p. 590-591).

Lima Barreto fez parte dessa inteligência obscura, como leitor e escritor, pois em vida manteve sua contribuição em pequenas publicações, independentes, frágeis, em geral de vida breve, mesmo quando publicará em periódicos de maior expressão, como *Careta* e *Revista Souza Cruz*, não deixará de enviar seus textos para pequenas revistas (ver RESENDE, 2004). Enfim, sua crença estava na escrita, sua arma, seu modo de armar resistência, uma vez que, como ensina Gonzaga de Sá: “Um jornal dos grandes, tu bem sabes o que é: uma empresa de gente poderosa, que se quer adulada e só tem certeza naquelas inteligências já afirmadas, registradas, carimbadas, etc., etc. Demais, o ponto de vista limitado e restrito dessas empresas não permite senão publicações para os leitores medianos, que querem política e assassinatos” (BARRETO, 2001, p. 591).

Em recente estudo sobre a crônica de Lima Barreto no periódico carioca A.B.C. (1916-1922), Henrique Corrêa afirma que “a escrita barretiana no A.B.C. não se filia à linha editorial do semanário. É um equívoco pensar que a redação comungava da mesma opinião de Lima Barreto nos diversos temas de que o cronista se aventurou a tratar” (CORRÊA, 2012, p.11). No veículo da ideologia republicana, o escritor atacava o regime republicano, além de tratar de assuntos artísticos e culturais. E foi com essa estratégia implosiva que o autor também atuou em vida, quando Amanuense, funcionário público do Estado, ao mesmo tempo escrevendo ficções que refletem e criticam discursos e práticas fundadoras, basilares, do Estado (vide Isaías Caminha, um jovem exilado na cidade que questiona os princípios republicanos; Policarpo Quaresma em sua busca apaixonada pela pátria descobre que a tal não passa de um construto arbitrário; e Gonzaga de Sá, desde o princípio desestabilizando os conceitos de raça, nação, etc.; ainda cito, Vicente Mascarenhas, que revela a loucura como sendo um construto da medicina e da justiça, em uma tentativa de aprisionamento daquilo que é classificado como perigoso para a sociedade – quando atentamente observa que a grande massa dos internos é composta pelos negros e pobres, mas é da margem que surge sua fala e seu desejo radical de questionamento do poder que permeia as instituições do Estado).

Esta forma de participação resistente, presente no exercício da crônica e na ficção de Lima Barreto, produziu um intensivo diálogo com seu contexto. Osman Lins, agora em sua tese sobre o autor publicada na década de 70, *Lima Barreto e o espaço romanesco*, ao traçar um perfil do cronista Lima Barreto, considera:

Estes artigos e crônicas, alguns violentos, outros cheios de delicadeza e quase todos repassados de humor – revelando Lima Barreto, com lentes de aumento deformantes, absurdos que um tratamento mais comedido deixaria indenes, - formam decerto um acervo de grande interesse documental e literário. [...], revelam o escritor no ato mesmo de reagir e opinar, sem que a espontaneidade torne a expressão tibia ou insulsa, mostram nele, um

aspecto moral que o gênero romanesco oculta em parte: independência de vistas (LINS, 1976, p. 31).

Apesar de sentir falta de um comedimento no trato do fazer literário, Lins, no excerto acima, atesta que a crônica barretiana foi, com efeito, produzida livremente, sem a presença de qualquer censor ou censura. Podemos ir mais além ao pensar que o próprio autor, em um exercício de liberdade, operaria uma espécie de “censura” às opiniões do jornal A.B.C., uma vez que em uma ocasião Lima Barreto opta por parar de contribuir, e receber seus 50 mil réis, mesmo em meio a dívidas, por não concordar com um artigo racista publicado pelo periódico (CORRÊA, 2012).

Utilizando o efeito cômico, cabia ao periódico A.B.C doutrinar leitores. Em estudo da cena e dos bastidores do hebdomadário Corrêa nos revela suas relações com o Itamaraty, e tal relação moldava a visão dos jornalistas do periódico, com exceção de Lima Barreto. Sobre a faceta cronista do autor, Corrêa argumenta que esta liberdade legada a ele pela revista se deu pelo motivo do periódico acreditar que o autor produzia literatura, “a figura de Lima Barreto divisada pelo hebdomadário era a do ficcionista renomado, não a do cronista sério, crítico da política republicana, que visava perturbar o sistema” (CORRÊA, 2012, p. 81). A literatura na Grécia clássica é considerada uma construção diferente daquela arquitetada pela história, porém no século XX atribuí-se um valor inverso ao dado por Aristóteles, que via no poeta, ao contrário, uma superioridade por estar no universo “daquilo que poderia acontecer”, diferente do historiador, que estaria preso ao contexto, “àquilo que de fato aconteceu”. Por conta dessa inversão de valores, não será a ficção (ou o fato de ser considerado um ficcionista) o espaço que garante a liberdade de Lima Barreto, legando a literatura uma potência? Será que para nós, leitores do passado (estudantes, pesquisadores), a literatura não seria, nesse caso, uma fonte mais fidedigna, porque mais livre, que um documento escrito por um colunista “sério” da época?

Em o A. B. C. os artigos dos periodistas desconectados da literatura sofriam uma espécie de censura, uma vez que precisavam seguir a ideologia da qual o periódico partilhava, não só seguir, mas compartilhar, fazer seus leitores proliferar tal ideologia, e como havia relações deste com o governo, a literatura de Lima Barreto, suas crônicas, vistas como menores, na verdade, acabam espelhando as ficções armadas pela história. Ou ainda, revelando o ficcional sob aquilo que se coloca com o estatuto de “verdadeiro”.

Alguns dos textos publicados no periódico serão mais tarde compilados no romance satírico *Os Bruzundangas*. Nesta adaptação, Lima Barreto procura “dar à obra um caráter menos momentâneo, apartá-la do presente” (CORRÊA, 2012, p. 132). E então outra imagem bem contundente, o projeto do satirista se revela: “Chega a desejar que o Brasil tome conhecimento dos exemplos bruzundanguenses e se estropie de vez”. (Idem, p. 134). *Il faut finir, pour recommencer...* escreve Lima Barreto. Na crônica inédita encontrada por Beatriz Resende e Rachel Valença e publicada finalmente no volume *Toda Crônica*, em 2004,

intitulada *A minha Alemanha*¹, de 1919, o autor escreve: “não houve homem quem mais odiasse o espírito da Alemanha, isto é, da Prússia militar e da Baviera soldado, do que eu [...] Hoje, a Alemanha estrangulada, amarrada, esbodegada, eu a amo, porque ella é a pátria do sonho, da bondade e do amor”. (BARRETO, 2004, p. 19). Está aí a imagem de que é preciso finalizar para recomeçar, da ruína brota a sua esperança, porém, já na crônica inédita resgatada recentemente no trabalho já citado de Corrêa a crença desaparece, em 1922, Lima Barreto, percebia que “O estado de sítio”, título da crônica, é tamanho que não há saída nem mais na destruição, esta só leva a mudança de atores políticos. Bem, ao fim da vida aparece evidentemente uma mudança sintomática de posicionamento do autor, que não apresenta o elemento da esperança em meio ao desencanto, temática tão presente na sua escritura.

Ao lermos as crônicas de Lima Barreto, salta a imagem de um jornalista que “se dispôs a dar sua contribuição para o debate de qualquer assunto”. (CORRÊA, 2012, p. 163). Ao optar pela ficção, podemos compreender que o autor procura deslocar e limpar a palavra de sua funcionalidade interpelativa, desviá-la do curso do mundo, revelando assim uma compreensão da especificidade do espaço romanesco. E será por meio da fuga e do desvio que a literatura justamente rumará àquilo que é, pensemos na verdade da ficção de Lima Barreto, na atualidade de suas ficções, nas questões ainda irresolutas que mais parece dialogar com o presente do que com o início do século XX.

Será então a imagem do escritor – que salta de seus romances, textos autobiográficos, cartas e diários, organizados por Francisco de Assis Barbosa – preocupação de dois de seus leitores durante a década de 70: João Antônio e Osman Lins. João Antonio, leitor entusiasmado de Lima Barreto, dedicou todos os seus livros ao autor, e em um deles, “*Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*”, de 1977, realiza no âmbito da ficção uma reconstrução do percurso de Lima Barreto no subúrbio, por onde caminhava, suas paradas em bar, seus companheiros, descrevendo todo o cenário de Lima Barreto agora personagem de seu romance. Em 1976, antes de lançar seu livro, João Antonio escreve no jornal *correio do povo*, de Porto Alegre, e denuncia o esquecimento da obra de Lima Barreto, crê que isto ocorre porque

[...] continuamos ‘sem visão da nossa vida, sem vigor de estudos, sem um critério filosófico ou social seguro’. E que ninguém nos peça ‘uma pensamento, um julgamento sobre a nossa vida urbana e rural’, ninguém nos peça ‘um entendimento mais perfeito dos quaisquer dos tipos de nossa população’. Isso nós não sabemos dar. Porque estamos fossilizados, na

1 Resende, em introdução, lança uma hipótese interessante para o desaparecimento desse inédito. “Num momento em que emigrantes alemães eram hostilizados no Brasil, identificados com os inimigos derrotados, Lima Barreto escreve página de incrível generosidade e espírito democrático. [...] para assim terminar: ‘Alemães, negros, caboclos, italianos, portugueses, gregos e vagabundos, nós todos somos homens e nos devemos entender na vasta e ampla terra do Brasil. Não sou nacionalista’. Na última frase parece estar a razão por que os organizadores teriam excluído a crônica da edição das *Obras Completas*, em 1956, já que não parece possível que o texto tivesse permanecido desconhecido. Parece-nos que, na apaixonada intenção de ver o autor finalmente reconhecido como literato [...], especialmente nos anos JK, momento de volta a um nacionalismo feito de entusiasmo e confiança no futuro que cercou a construção de Brasília”. (RESENDE & VALENÇA (Orgs), 2004, p. 12 e 13).

bodega (que chamamos de) estilo, música do período, imagens peregrinas e outras coisas que são o cortejo da arte de escrever, que são os meios de comunicação de produção, mas não são fim próprio... (ANTONIO apud BARRETO, 2001, p. 66)

Este isolamento de uma vida/obra que se ignora incomoda João Antônio, e o faz buscar compreender porque não se lê Lima Barreto, os motivos de sua exclusão. Para o escritor estamos fossilizados. Porém, Lima Barreto não se deixou fossilizar, sua obra ficcional revela seu olhar de etnólogo para a cidade, para as personagens que habitam os bairros dessas cidades, suas inúmeras personagens exiladas, seu exílio de homem negro em uma sociedade racista como a brasileira não o imobilizaram, em seu caso o exílio foi motor produtivo, engendrou um incessante escrever/caminhar, esta última prática tão corrente de Lima Barreto, que descreve em seu diário suas longas caminhadas pela cidade do Rio de Janeiro, sempre observando os tipos urbanos e suburbanos, que igualmente invadem a sua ficção.

Osman Lins, por sua vez, no ensaio doutoral *Lima Barreto e o espaço romanesco*, lançado também em 1976, se desculpa pelo estudo acadêmico, o que Lima Barreto, avesso à academia, não perdoaria, e também pela intromissão, na sua introdução, do romance no ensaio. Nesta intromissão fica impressa a singularidade de Osman Lins, ao introduzir Lima Barreto como se fosse personagem de um romance seu, assim como realiza um ano depois João Antônio. Tal gesto de intromissão entre a vida e a arte, como já vimos, está presente em Lima Barreto. Diversas de crônicas suas podem muito bem ser lidas como contos, seu diário pode ser lido como um romance, em sua passagem pelo hospital psiquiátrico, o escritor escreveu um diário e um romance, em ambos temos várias passagens que constatarem o chamamos de intromissão. Em artigo publicado no jornal do Brasil, no mesmo ano, Lins escreve:

Lima Barreto não quer parecer um sábio e infalível. O que ele teme é silenciar, é omitir-se. O erro básico, fundamental, no qual evita incorrer: é o do alheamento. Não será isto, nos dias que correm, uma importante lição sobre a qual meditar?" [...] Ficamos, parece, educados demais, muito gentis, mestres em ocultar o pensamento, sinal certo de decadência e imobilidade cultural, senão de retrocesso. [...] O exame de seus numerosos escritos revela-nos, de ponta a ponta, uma coerência a toda prova. Ele esteve invariavelmente do mesmo lado. [...] Mergulhar, então, nesses escritos é, para todo indivíduo mentalmente ativo, um ato tonificante e uma espécie de recuperação da memória. Vivendo numa época morfina, de esquivanças e susceptibilidades extremas, tendemos a esquecer que um escritor não vive de referências nem de sapiências, que é próprio do escritor espicaçar, falar sem ser chamado, interferir, errar (errar! errar!, essa coisa tão fecunda e saudável) e procurar manter viva, por mais que isso lhe custe, por mais que isso lhe custe, a lembrança da dignidade humana e das obrigações que impõe a um homem o arriscado ofício de escrever (LINS apud BARRETO, 2001, p. 69).

Nesta passagem que citamos acima surge a imagem de uma subjetividade em exílio. Lima Barreto jamais foi encerrado no interior de si mesmo, pelo contrário, expôs-se sempre, tomou posição sempre, em todos os acontecimentos que vivenciou durante sua curta vida, transpôs em linguagem, se fez imagem posteriormente para a crítica, foi retratado por J. Antonio e Osman Lins, e mais recentemente pela ficção de Luciana Hidalgo, em *O Passeador*, e pela recente biografia de Lilia Schwacz, entre tantos outros trabalhos. Jean-Luc Nancy, em

La mirada del retrato, escreve que o retrato é a condição de pormos em descoberto a estrutura do sujeito, sua sub-jetividade, seu ser abaixo a si, seu ser dentro de sí, ou seja, sua ex-posição. O desvelamento de um eu não pode ter outro lugar do que esta exposição da obra em ato, pintar ou figurar, e acrescentamos, escrever, não é reproduzir, nem revelar, mas sim produzir o sujeito ex-posto, conduzido adiante, sacado afora. A subjetividade, para Nancy, não é um exílio no interior de si mesmo, mas ser o si mesmo um exílio, de abertura e saída que não sai do interior de um eu, mas o eu que é a saída mesma, que se constitui quando se sub – jeter , se lança fora, ou se constitui em exílio. Não há subjetividade quando esta não se revela, há subjetividade em exílio. Não será esta a maior lição que nos deixa a ficção de Lima Barreto? Sua literatura é a revelação de uma vida que para se tornar visível foi construída, traçada, textualizada, imaginada, sem qualquer temor.

Referências

BARRETO, Lima. **Lima Barreto**: toda crônica. Vols. 1 e 2. Rio de Janeiro: Agir, 2004. (RESENDE, Beatriz e VALENÇA, Rachel Orgs,)

_____. **Prosa Seleta**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.

CORRÊA, Henrique Sérgio Silva. **O A.B.C de Lima Barreto (1916-1922)**. 2012. 328f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2012.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

LINS, Osman. **A rainha dos cárceres da Grécia**. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

_____. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

NANCY, Jean-Luc. **La mirada del retrato**. Trad. Irene Agoff. Buenos Aires: Amorrortu, 2006.

NEGREIROS, Carmen Lúcia. Tensões entre vida e obra nas biografias de Lima Barreto. In: **Suplemento Pernambuco**. Disponível em: <<http://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-antiores/72-resenha/1906-tens%C3%B5es-entre-vida-e-obra-nas-biografias-de-lima-barreto.html>>. Acesso em: 07 de dez. de 2017.

Contribuições da teoria sociogenética, abordagem sociocultural e modelo cognitivo-linguístico para o ensino da escrita na educação superior

Yeriling Villasmil Flores*, Beatriz Arrieta de Meza**, Arceloni Neusa Volpato***
Universidad del Zulia, Centro Universitario Facvest/Centro Universitario Ingá

Resumo

O texto relata um estudo desenvolvido na Universidade de Zulia que tem por escopo a investigação da apropriação da competência escrita por alunos do ensino superior. Os resultados apontam para a concepção de programas de instrução relacionados com o ensino da linguagem escrita de alto nível e que sejam direcionados para o uso da linguagem como uma ferramenta de comunicação eficiente. Por esta razão, a teoria sociogenética e a abordagem sociocultural no modelo cognitivo-linguístico trazem a influência de aspectos como a cognição, de processos cognitivos e de contexto situacional sobre o processo de ensino da língua escrita no nível superior.

Palavras-chave: teoria sociogenética; abordagem sociocultural; educação superior.

Contributions of Sociogenetic Theory, Sociocultural Approach and Cognitive-Linguistic model for teaching writing in higher education

Abstract

The text reports a study developed at the University of Zulia that has as investigation scope the appropriation of written competence by students of higher education. The results point to the design of instructional programs related to the teaching of written language of high level and that are directed to the use of language as an efficient communication tool. For this reason, Sociogenetic Theory and the Sociocultural approach in the cognitive-linguistic model highlight the influence of aspects such as cognition, cognitive processes and situational context on the process of teaching written language at the higher level.

Keywords: Sociogenetic Theory; Sociocultural Approach; higher education.

* Mestre e Doutora em Educação pela Universidad del Zulia. Professora Adjunta da Universidade del Zulia: Facultad de Humanidades y Educación - LUZ.

** Mestre e Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Nacional de Loja. Professora aposentada da Universidad del Zulia: Facultad de Humanidades y Educación – LUZ.

*** Mestre e Doutora em Psicolinguística pela UFSC. Avaliadora institucional e de cursos presenciais e a distância do MEC/INEP. Pesquisadora do Mestrado em Práticas Transculturais do Centro Universitario Facvest e Assessora de Pesquisa e Inovação do Centro Universitario Ingá – UNINGÁ.

1 Introdução

A situação atual exige indivíduos capazes de processar e realizar as quatro competências linguísticas essenciais, que são: falar, ouvir, ler e escrever. No entanto, o ensino da língua materna, durante vários anos, tem sido baseado em explicações e descrições teóricas, em que os alunos são simplesmente receptores ou repetidores dos conceitos transmitidos pelo professor, situação que trouxe muito más experiências. Estas experiências incluem: falta de desenvolvimento cognitivo e as habilidades necessárias para os alunos serem capazes de descrever os significados implícitos e explícitos, que podem ser apresentados em um texto, bem como com as habilidades de comunicação, a fim de produzir textos usando as ferramentas que caracterizam o sistema escrito da língua materna, como o uso de procedimentos lexicais e gramaticais relativos à coerência e consistência dos textos.

Por esta razão, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar as contribuições da teoria sociogenética sociocultural e a abordagem cognitivo-linguística aplicada ao modelo de ensino da língua escrita no nível superior.

2 Teoria Sociogenética de Vygotsky

A Psicologia soviética com base nas abordagens do pensamento marxista e racional atual tem a sua maior representação na formação da teoria sociogenética de Vygotsky, que leva em conta a base biológica do desenvolvimento cognitivo, mas estabelece uma ênfase especial na interação com o ambiente e com seu entorno social.

As abordagens de Vygotsky (1995), em contraste com Piaget (1975), mostram o surgimento de uma teoria que privilegia o desenvolvimento cognitivo exógeno, uma vez que fornece a relação intrínseca entre linguagem e pensamento, assim como também evidencia que a linguagem é um fator importante no desenvolvimento intelectual e cognitivo do indivíduo. Exibe-se totalmente divergente para expressar a teoria psicogênica, demonstra que a linguagem está subordinada ao pensamento e expressa um desenvolvimento cognitivo no indivíduo de aspectos endógenos, ou seja, que a maturação cognitiva e, portanto, o desenvolvimento da inteligência depende de como os seres humanos evoluíram de um ponto de vista biológico e adapta-se aos seus esquemas mentais que cercam o ambiente. A teoria sociogenética, além disso, considera que os processos mentais são interpretados a partir dos sinais e instrumentos de desenvolvimento de crianças e adultos, levando em conta fatores sociais, históricos e os tempos em que estes instrumentos são construídos, que se tornam representações artificiais que os seres humanos usam para interpretar e construir a realidade que o rodeia, estes instrumentos têm por escrito, sinais e símbolos matemáticos e outras ferramentas semióticas que fazem parte de todas as culturas.

3 Abordagem sociocultural

A abordagem sociocultural surge a partir dos preceitos estabelecidos pela chamada psicologia marxista de Vygotsky, como uma tentativa de consolidar e esclarecer seus postulados que, dentro da teoria sociogenética ainda não tinham sido explicados. porque/ retirar, Apesar de as contribuições de Vygotsky enfatizarem a importância das interações sociais sobre o indivíduo ao seu desenvolvimento cognitivo e intelectual, não aperfeiçoou o impacto de outros fatores encontrados no ambiente sociocultural e, portanto, no campo da educação, de modo que a abordagem sociocultural se origina como uma necessidade contínua que muitos psicólogos e pesquisadores como Luria (1980) e Bruner (1984), entre outros, tinham acerca de unificar as contribuições da teoria sociogenética e a teoria dos conjuntos, modelo, paradigma ou abordagem pelas diretrizes do racionalismo dialético e filosofia marxista.

Considerando a declaração acima, destacamos as raízes desta abordagem, que dá a cultura primordial, o contexto histórico e social, a educação e as interações sociais em que o indivíduo, pode-se citar duas características distintas que o diferenciam ou ligando com as teorias anteriormente explicadas:

- A abordagem sociocultural de acordo com Gutierrez (2005) leva ao surgimento de uma visão epistemológica chamado de “construtivismo social”, que tem grande alcance no nível de ensino, uma vez que reflete a relação dialética entre o professor e o aluno e a construção do conhecimento a partir desse relacionamento. Além de delinear as práticas de ensino, o professor deve levar em conta o conhecimento prévio do aluno e diagnosticar como estabelecer uma ligação com o novo conhecimento ou está adquirindo através dele.
- A abordagem sociocultural tem um grande impacto no nível de educação com o modelo de instrução chamado interação de ensino, que foi usado para construir propostas e modelos para ensinar os processos de compreensão e produção de textos de autores como Palincsar e Brown (1984) e Scardamalia e Bereteir (1992), tendo em conta noções como interação participativa em sala de aula, as interações sociais, a partir do nível de conhecimento prévio dos alunos e realizar habilidades de avaliação contínua desenvolvidas pelos estudantes e estabelecer uma ligação entre o desenvolvimento de processos cognitivos com a interação social na aquisição de competências e habilidades em termos de leitura e escrita.

As características que identificam a abordagem sociocultural e seu impacto sobre o nível de educação por meio do modelo de instrução de “ensino recíproco” deu lugar ao nascimento de teorias cognitivas e modelos aplicados ao ensino da escrita com um crescimento dos anos 80.

4 Modelo cognitivo-linguístico para a construção da microestrutura semântica em textos expositivos

O modelo cognitivo-linguístico constitui uma construção científica para desenvolver estratégias em sala de aula, a fim de desenvolver o ensino e aprendizagem da linguagem escrita. Um modelo inovador e interativo é considerado, pois tem as seguintes características:

- A escritura é definida como uma atividade social e cognitiva a que se refere um processo mental, interativo e recursivo, uma vez que envolve essas atividades no estudante universitário organiza o conhecimento enquanto este interage com o texto e é capaz de produzir e fornecer ideias.
- A construção textual é considerada um mecanismo de conhecimento científico e de resolução de problemas, porque através dos textos de estudantes fornece soluções possíveis para um determinado tópico.
- Os processos na estrutura da composição textual são afetados por variáveis internas e controladas (conhecimento prévio das limitações linguísticas e temas da escrita) e externas.
- Desenvolve a competência comunicativa, pois o aluno se adapta a sua situação de comunicação a um contexto específico. Também está intimamente relacionada com a linguística textual, competência semiótica, sociolinguística e pragmática. Como o estudante universitário tem consciência de que para construir um texto adequado ao seu nível acadêmico deve saber como o conjunto de regras e regulamentos que regem a sua língua nativa se articula. Atua nesta construção do ponto de elementos contextuais comunicativos e funcionais, bem como tendo em conta o conhecimento de fundo, situacionais e executar as diversas representações de um conceito ou tema específico como parte do roteiro.
- Enfatiza um dos tipos mais usados de apoio no nível da universidade, que é o texto realista-explicativo, porque ele permite que você exponha críticas, desenvolva hipóteses e construa o conhecimento científico, algo que foi gradativamente perdido na academia.
- Usa a imagem como uma estratégia primitiva para a ativação de processos cognitivos na construção de conceitos que giram em torno de suas experiências na vida cotidiana, em seu caminho através da vida acadêmica e de seu conhecimento do mundo. Estes conceitos e ideologias construídas pelo aluno representam um sistema de crenças, conhecimentos e valores que são expressos na produção textual.

Por esta razão, o modelo cognitivo-linguístico é o produto da combinação de teorias cognitivas de Piaget (1975), de Vygotsky (1995), de Karmiloff-Smith (1994), amplamente

desenvolvidas devido à incidência de processos cognitivos na produção de texto e também analisa e descreve o texto como um produto histórico-social, uma vez que através destas ideologias relacionadas ao meio ambiente do aluno são construídos e salienta a importância da imagem como um fator gerador de múltiplas representações na mente humana .

Este modelo também apresenta influência das teorias linguísticas de considerar o conhecimento de um idioma principal no fator de produção de textos dos estudantes universitários. Analisa por que a noção de textualidade como um todo integrado ou como uma unidade de linguagem comunicativa, onde cada um dos seus elementos amplamente se relaciona. Toda a concepção é apresentada pela teoria funcionalista e linguística de texto de Van Dijk (1978), Van Dijk e Kintsh (1983), Beaugrande e Dressler (1997), Calsamiglia e Tuson (1999). Estes autores conceitos são levados a macro semântica: consistência local e global e textos de superestrutura e de textos de semântica enfocando microestrutura: coesão lexical: sinônimos, antônimos, hiponímia e hiperonímia e de coesão gramatical: pró-formas gramaticais. Todos esses conceitos fornecidos pela linguagem do texto serviram como suporte teórico para a criação de estratégias linguísticas que fazem parte deste modelo.

Finalmente, a influência de modelos cognitivos aplicados ao ensino da linguagem escrita também afetam fortemente a criação de estratégias cognitivas, metacognitivas constituindo assim o modelo, uma vez que dá um papel de destaque para os processos de organização mental: planejamento, escrita e avaliação dada pelo Flower e Hayes (1981), o envolvimento da memória de longo prazo e trabalho no processo de construção textual de Sacardamalia Bereteir (1992), da influência de elementos como a formação, o contextual e o cognitivo, e a apresentar propostas motivacionais e afetivas Flor (1989), Hayes (1996), Lacon e Ortega (2003) e Vilchez (2005).

A estrutura representativa do modelo é composta pelo seguinte:

I Noção de referência: O processo de comunicação está composto por uma série de níveis dentre os quais se podem mencionar o nível de referência, que é feita pelo remetente / produtor como o elemento que provoca a compreensão do texto e produção, ou seja, a noção de referência neste modelo é definida como a maneira em que o estudante universitário percebe a realidade, o contexto na situação que o rodeia, este valor de referência pode ser representado por um elemento que pode ser parte de mundo real ou imaginário. Características de referência para o aluno na produção pode ser representado através das leituras feitas e colocar em ação seus sentidos. A noção de referência no modelo linguístico cognitivo refere-se à percepção de um tema ou de referência, em relação ao qual o aluno desenvolverá a linguagem diferente usando ferramentas fornecidas pela linguagem natural.

II Os processos cognitivos: Representam diferentes maneiras de como o estudante universitário descreve e redescreve o mundo ao seu redor através de sua intervenção

no processo de produção do texto mostra-explicativo, a fim de alcançar a organização mental e, assim, a organização do conhecimento linguístico. Estes processos funcionam da seguinte maneira na produção de texto:

- **Percepção:** um item do mundo exterior para mais tarde representar os diferentes sinais como a linguagem natural do aluno é percebida.
- **Atenção:** Representa o direcionamento de um aspecto específico. O aluno se concentra em um ou mais aspectos relacionados ao tema e mais tarde, associando estratégias linguísticas.
- **Memória:** Em suas diferentes classificações de memória sensorial, o trabalho em longo prazo é utilizado, a fim de estabelecer relações entre conhecimentos prévios e experiências pessoais (memória de longo prazo) com a informação que está a ser exigida no momento, é emitir o texto que você está vivenciando, assim como a memória de curto prazo. Em alguns casos, quando a influência do estudante no momento da construção utiliza a informação textual que está disponível no momento: memória de trabalho).
- **Conscientização:** Nos atos de produção textual como uma espécie de planejamento de eventos, informações ou assuntos que eles querem criar na saída textual.

III Organização e planejamento de conhecimentos linguísticos: Este modelo cognitivo-linguístico importante para a fase de produção textual tem o objetivo específico de organização do conhecimento linguístico através da representação mental, o que justifica a utilização de três processos cognitivo-linguístico:

- *Organização das ideias:* o uso de questionário mental, a fim de reconhecer o propósito comunicativo do texto para construir e quem ou o que será direcionado, além de a seleção do assunto ou tema que vai acompanhar a produção textual.
- *Representação linguística:* Depois de completar o processo de organização mental, o aluno utiliza recursos que fornece a linguagem natural para a construção dos aspectos inerentes ao texto expositivo: microestrutura, macroestrutura e superestrutura.
- *Revisão:* O processo de avaliação linguística do texto do aluno.

IV Estratégias que compõem o modelo: É o conjunto de estratégias de montagem que fazem parte do modelo linguístico resultante da convergência de modelos de línguas naturais e estratégias cognitivas aplicadas ao ensino de teorias de escrita, para a produção de textos em universidades. Considerada uma solução de problemas e por isso o aluno deve ter conhecimento da sua língua materna, assim como fazer uso de

processos cognitivos e avaliar o seu processo de escrita. Daí as estratégias acima apresentadas como características.

- **Estratégias Linguísticas:** modelo linguístico cognitivo, por sua natureza o objetivo enfatiza o desenvolvimento da competência comunicativa e linguística, como o estudante universitário deve saber o papel de cada um dos elementos com os quais se consegue a rede de comunicação e, portanto, coerência e coesão textual para que o professor possa desenvolver uma série baseada no conhecimento da língua, a fim de construir os textos dos alunos com estratégias de significado. Algumas destas estratégias são:
- **Da construção da superestrutura e macroestrutura textual:** Eles têm previsto que o estudante universitário de aprender e construir a superestrutura do texto mostra-explicativo e diferenciar em outros tipos de texto. Estes tipos de estratégia são referidos por (12.003) estratégias de produção e de organização semântica, que buscam construir a macroestrutura do texto e sua superestrutura. Teorizado por Van Dijk e Kintsh (1983) e Ortega e Lacon. Mais importante, estas estratégias não só se referem à identificação de diferentes superestruturas de suporte, apresentando diferentes tipos de texto, mas também como a construção da estrutura interna de textos é conseguida, especialmente o texto explicativo expositivo.

Da mesma forma, pretende-se que o aluno construa o texto baseado em macro semântica e, portanto, deve alcançar a coerência global deste encadeando, o desenvolvimento progressivo e distribuição de segmentos de discurso apropriados através do conhecimento dos tópicos e subtópicos que fazem parte do texto, porque o texto é coerente quando nós, seus receptores, somos capazes de refazer o sentido. Assim, a coerência é um fenômeno mental que ocorre quase que instantaneamente, quando, através de uma leitura abrangente, absorve a ideia central de um texto e pode ser responsável pela organização de peças.

- **Da construção da microestrutura semântica:** Estes são destinadas a desenvolver as competências linguísticas dos alunos através do conhecimento dos elementos com que a coesão lexical é obtida: sinônimos, antônimos, hipônimos e hiperônimos e coesão gramatical: pró-formas gramaticais, com o objetivo de obtenção de texto coerente. Este tipo de estratégia é acompanhado por atividades em que o aluno identifica, relaciona substitutos com seus referentes e, finalmente, constrói um texto realizando a substituição lexical e gramatical. É pertinente mencionar que Van Dijk e Kintsh (1983), em seu modelo para os estados de produção textual, que tais estratégias são chamadas de coerência local, serve como especificamente a construção de microestrutura semântica por meio da conexão entre a informação velha e novas informações.

-
- *Estratégias cognitivas*: Elas servem especificamente para a ativação de diferentes processos cognitivos, uma vez que tanto a compreensão na produção de um texto é definida como tarefas cognitivas, planejadas, procedimentos organizados e estratégicos que trazem o conhecimento prévio, seus estados motivacionais, suas experiências pessoais, bem como o conhecimento e sociocultural sobre o contexto e a situação em torno do ambiente do estudante, como evidenciado por Flor (1989), Hayes (1996) e Vilchez (2005). Tais estratégias associadas com o uso de eventos, informações e situações de interesse para o aluno, a fim de melhorar as suas competências e habilidades para construir um texto.
 - *Estratégias relacionadas com o uso de imagens e textos com imagens*: São uma adaptação das estratégias utilizadas pelos Vilchez (2005) e Lacon e Ortega (2003) e Franco (2004), que se destinam a usar o conhecimento da língua, a vivência no mundo da cultura em que o aluno transita e o faz compreender e produzir textos escritos. No caso de imagens, modelo linguístico-cognitivas são em relação a eventos e questões relacionadas com a realidade do aluno, tais como imagens relacionadas ao processo social e político em curso no país, bem como eventos de alto impacto são usados.
 - *Estratégias metacognitivas*: Estas são definidas como estratégias de avaliação entre professores e alunos é o uso de uma lista de verificação, a fim de observar os aspectos feitos na construção do texto expositivo, através da aplicação do modelo.

5 Objetivos do modelo relacionados com a produção textual cognitivo-linguístico

- Reconhecer o texto escrito como uma unidade de linguagem comunicativa.
- Explicar a superestrutura e organização discursiva de diferentes tipos de texto de texto especialmente expositiva.
- Capacitar o aluno na construção da superestrutura do texto textual.
- Expor, bem como a macro semântico através da relação tema - texto.
- Explicar o conceito de coerência no papel dos mecanismos de coesão lexical e gramatical que oferecem a língua espanhola.
- Capacitar os alunos no uso de mecanismos de coesão lexical e construção gramatical da microestrutura semântica do texto expositivo.
- Ligar os processos cognitivos dos alunos através do uso de textos com imagens.
- Descrever os principais erros cometidos na escrita, corrigindo seus textos com produções inconsistentes.

O objetivo do modelo de cognitivo-linguístico para a construção da microestrutura semântica em texto expositivo requer o uso de estratégias e atividades cuja função específica trata de melhorar e ativar os processos cognitivos inerentes ao conhecimento de cada um dos elementos textuais da microestrutura semântica lexical e gramatical. O aluno, assim, é capaz de desenvolver o pensamento crítico, reflexivo e construir o conhecimento científico ao seu nível profissional e acadêmico através da produção de textos expositivos: informativos, explicativos e dissertativos, sobre qualquer assunto cuja temática seja social e educacional.

6 Metodologia

O tipo de pesquisa é de natureza documental, uma vez que uma revisão das teorias e modelos é feita a partir da perspectiva sociogenética linguística e cognitiva para destacar as contribuições destes para o ensino da língua no nível superior, ou seja, na Universidade do Zulia, Venezuela, para fornecer a contribuição destas teorias para os programas da Oficina de Linguagem - cadeiras I e II, e Universidade Dr. José Gregório Hernández para o surgimento de cadeiras eletivas: Compreensão e Produção de Textos e Ensino de Línguas na Educação Infantil, cujo conteúdo focado na construção de textos acadêmicos que instituem a integração da sociedade-cultura e da cognição e ensino de línguas na pré-escola.

7 Resultados

De acordo com a mudança do currículo da Escola Superior de Educação (2011), que visa o desenvolvimento de competências linguísticas, passou a desenvolver a temática Problemas de linguagem escrita (oficina I e II), tendo em conta as contribuições das teorias da abordagem sociogenético, sociocultural e do modelo cognitivo-linguístico entre os quais estão: o impacto do desenvolvimento histórico, social e cultural dentro do processo de escrita, o professor-aluno para a construção de vários tipos de texto, escrevendo com uma interação no processo crítico, reflexivo e recursivo, o uso da imagem para a ativação do conhecimento prévio, o uso de estratégias de linguagem para construir textos coerentes e avaliação contínua dos textos produzidos na sala de aula.

Os programas relativos ao Seminário de Linguagem I e II, ciclo de formação geral da Escola de Educação da Universidade de Zulia, mostram através de seu objetivo geral, na sessão blocos de conteúdos e estratégias de ensino-aprendizagem, a influência das teorias no modelo que regula esta pesquisa, por meio das unidades relacionadas com a compreensão e na produção de textos, o aluno deve ter um domínio claro de sua língua através do desenvolvimento de competências comunicativas e linguísticas adequadas ao seu nível acadêmico. Exemplo desta influência é evidenciado na compreensão e na construção de vários tipos de texto relacionados com o processo histórico, social e cultural que o aluno, sendo que ambos são refletidos na teoria de Vygotsky (1995) na abordagem sociocultural vive atualmente.

Quadro 1: Conteúdo Programático Seminário de Língua I.

Objetivo geral	Competências	Blocos de conteúdo	Estratégias de ensino aprendizagem
Desenvolver o potencial expressivo e de compreensão do aluno, valorizando a linguagem oral e escrita como um elemento essencial que permite que aumente o pensamento intelectual, criativo e crítico.	<p>UNIDADE II. Compreensão de leitura</p> <p>1. Assume uma atitude crítica na tomada de decisões para a detecção e resolução de problemas, socialmente aceita qualquer critério ou normas acordadas.</p> <p>2. Desenha e programa projetos de alfabetização.</p> <p>UNIDADE III. Expressão escrita</p> <p>Competências</p> <p>1. Corrige textos (estilo e teste).</p>	<p>Item 2. Leitura</p> <p>O que é ler</p> <p>Importância da Leitura</p> <p>Processo da leitura.</p> <p>a) Primeiros estágios.</p> <p>b) Estágio de leitura superficial.</p> <p>c) Estágio de leitura atenta.</p> <p>d) Estágio de leitura em profundidade.</p> <p>Item 3. Tipos de textos</p> <p>Textos narrativos.</p> <p>Textos descritivos.</p> <p>Textos dialógicos.</p> <p>Textos instrucionais</p> <p>Item 3. Acentuação</p>	Compreensão e produção de diversos tipos de textos relacionados com o seu perfil acadêmico

Quadro 2: Conteúdo Programático Seminário de Língua II - Habilidades Gerai.

Objetivo geral	Competências	Blocos de conteúdo	Estratégias de ensino aprendizagem
Desenvolver a compreensão expressiva e comunicativa no potencial do aluno, a avaliação da linguagem oral e escrita como um elemento essencial que permite aumentar o seu pensamento intelectual, criativo e crítico	<p>UNIDADE II</p> <p>Expressão escrita</p> <p>Competências:</p> <p>Corrige textos (categoria de teste)</p> <p>Pesquisas e ensina nas áreas de literatura e língua</p> <p>Projetos e executado projetos de alfabetização</p>	<p>Item 1. As fases do processo de escrita</p> <p>Item 2. Coerência e coesão na escrita</p> <p>Item 3. A progressão temática</p> <p>3.1. Progressão linear.</p> <p>3.2. Progressão constante / tema</p> <p>3.3. Progressão / questões decorrentes</p> <p>3.4. Progressão estendida, pá ou ramificada</p> <p>Item 4. Conectores</p> <p>Item 5. Métodos de comunicação escrita: Review, carta resumo.</p>	Os alunos irão construir textos expositivos e argumentativos, usando como referência um evento atual, no uso de um tema relevante relacionado com as imagens em tempo.

Fonte: Fuenmayor, Matera, Villasmil e Jiménez (2011).

Por outro lado, a contribuição do modelo cognitivo-linguístico (2012) quanto ao design destes programas é o fato de que a escrita não está definida de uma forma tradicional, isto é, como um ato mecânico, mas como um processo contínuo no indivíduo com qual o conhecimento é construído. Este processo requer que o aluno conheça as ferramentas de base cognitiva e linguística para a comunicação escrita eficiente.

Com relação aos programas da Universidade Dr. José Gregório Hernández, eles apresentam uma estrutura tradicional que rege a competência design, no entanto, as matérias de Compreensão e Produção de Textos e Ensino de Línguas na Educação Infantil foram propostas como eletivas, uma vez que foram consideradas necessárias dentro do perfil da pós-graduação da Escola Superior de Educação quanto ao domínio da língua do ponto de vista linguístico, cognitivo e comunicativo.

FLORES, Yeriling Villasmil; MEZA, Beatriz Arrieta de, VOLPATO, Arceloni Neusa. Contribuições da teoria sociogenética, abordagem sociocultural e modelo cognitivo-linguístico para o ensino da escritura na educação superior. *Rev. Synth.: Let., Ed. Humanid.*, Lages, v. 2, n. 2, p.33-45, dez. 2017.

Quadro 3: Conteúdo Programático Compreensão e Produção de Textos.

Objetivos	Competências	Blocos de conteúdo	Estratégias de ensino aprendizagem
<p>Geral Adquirir competências comunicativas para a compreensão e construção de ensaios e textos argumentativos, usando os padrões de textualidade.</p> <p>Específicos 1. Construir textos argumentativos e testes utilizando textualidade: normas e princípios de comunicação para a expressão escrita coerente. 2. Descrever os principais erros cometidos na expressão gramatical e lexical por revisão e ensaios incongruentes.</p>	<p>UNIDADE IV O discurso argumentativo e o ensaio 1.1. Planejamento da estrutura do texto escrito: 1.1.1. - Organização de ideias, escritura e avaliação. 1.2. Normas de textos escritos. Coerência e coesão Intencionalidade e aceitabilidade. Contextualização e intertextualidade. Informatividade. 2.1. Correção no nível gramatical, lexical e semântico: Concordância. Uso e abuso de conectores. Ausência de mecanismos lexicais e gramaticais de Leitura</p>	<p>Leitura de material recomendado. Construção de textos argumentativos e ensaios pela utilização das normas de textualidade.</p> <p>Os alunos reconstruíram os textos ordenando frases deslocadas e corretamente usando as regras de textualidade e princípios comunicativos desenvolvido nesta unidade. Entrega exerce textos argumentativos.</p>	<p>Entrega de exercícios sobre argumentativos. Entrega de exercícios.</p>

Fonte: Villasmil (2011).

Quadro 4: Conteúdo Programático do Ensino da Língua em Educação Infantil

Objetivos	Competências	Blocos de conteúdo	Estratégias de ensino aprendizagem
<p>Objetivo Geral Proporcionar conhecimentos teóricos e práticos que irão capacitar o aluno a criar estratégias para o desenvolvimento de competências e sub-competências da linguagem.</p> <p>Específicos 1. Identificar as principais abordagens para o ensino da língua e da literatura no nível de formação inicial, adaptado às necessidades e interesses das crianças de 0-6 anos de idade. 2. Analisar os principais aspectos do currículo de artes da língua e reconceituar o processo de ensino-aprendizagem.</p> <p>Objetivo terminal Analisar os aspectos conceituais que definem o ensino da língua e da literatura no nível inicial como disciplina científica, para a compreensão da dinâmica de sua construção durante o processo de aprendizagem em crianças de 0-6 anos.</p>	<p>UNIDADE II O ensino de língua e literatura: questões e abordagens epistemológicas destinadas à educação. 1. Abordagens sobre o ensino da língua: 1.1. A abordagem comunicativa. 1.2. A abordagem cognitivista. 1.3. A abordagem construtivista: Teoria de Piaget e roteiro Teoria psicogenética. 2. Aspectos gerais 2.1 Currículo de língua e literatura: 2.1.1. Currículo de língua dela perspectiva dela didática. 2.2. Elementos do currículo dela língua espanhola em Educação.</p>	<p>Pesquisa pelo aluno. Interação professor-aluno. Elaboração de um quadro comparativo sobre as abordagens.</p> <p>Pesquisa bibliográfica</p> <p>Análises em grupos pequenos.</p> <p>Elaboração de uma Tabela descritiva.</p> <p>Apresentações orais pelos alunos sobre os critérios tratados em linguagem e literatura que inclui o currículo de educação infantil e o Currículo Bolivariano.</p>	<p>Participação interativa</p> <p>Conclusão e avaliação escrita.</p>

Fonte: Villasmil (2011).

Os programas apresentados anteriormente às contribuições teóricas e metodológicas de disciplinas como a linguística textual, a linguística cognitiva e as teorias de psicologia

cognitiva, que influenciam o modelo que rege esta pesquisa, uma vez que também são observados em estratégias de conteúdo e no ensino e na aprendizagem da construção e na correção de textos acadêmicos é observado como se dá o teste onde os alunos são convidados a gerir o conhecimento relacionado ao texto linguístico. Além disso, o programa de Ensino da Língua e Literatura no nível inicial sugere o domínio do aluno de habilidades e subcompetências da linguagem, considerando o desenvolvimento cognitivo e da linguagem de meninos e meninas para desenvolver estratégias e atividades que visam o ensino da língua a partir de uma abordagem cognitiva, funcional e linguística.

8 Considerações finais

A concepção de programas de instrução relacionados com o ensino da linguagem escrita de alto nível é direcionada para o uso da linguagem como uma ferramenta de comunicação eficiente. Por esta razão, a teoria sociogenética e a abordagem sociocultural no modelo cognitivo-linguístico trazem a influência de aspectos como a cognição, de processos cognitivos e de contexto situacional sobre o processo de ensino da língua escrita no nível superior.

Referências

- Bruner, J. **Acción, Pensamiento y Lenguaje**. Madrid: Alianza, 1984.
- Fuenmayor G, Matera M, Villasmil Y y Jiménez, T. **Diseño instruccional de la cátedra Taller de Lengua I y II**. Universidad del Zulia. Escuela de Educación, 2011.
- Gutiérrez, F. **Teorías del Desarrollo Cognitivo**. México: Mc Graw Hill, 2004.
- Karmiloff-Smith, A. **Más allá de la modularidad**. Madrid: Alianza Editorial, 1992/1994.
- Luria, A. **Los procesos cognitivos**. Análisis sociohistórico. Barcelona: Fomtanella, 1980.
- Palincsar, J y Brown, M. Reciprocal teaching of comprehension-fostering and comprehension-monitoring activities. **Cognition and Instruction**, 1 (2), 117-175. Lawrence Erlbaum Associates, Inc, 1984.
- Piaget, J. **El Nacimiento de la Inteligencia en el Niño**. Barcelona: Editorial Crítica, 1975.
- Vygostky, L. **Pensamiento y Lenguaje**. Barcelona: Paidós, 1995.
- Villasmil, Y. **Modelo-lingüístico cognitivo para la construcción de la microestructura semántica en textos expositivos**. Tesis para optar al grado de Doctor en Ciencias Humanas. Universidad del Zulia. Maracaibo-Venezuela, 2012.
- Villasmil, Y. **Diseño instruccional de la cátedra Didáctica de la Lengua en Educación Inicial**. Universidad Dr. José Gregorio Hernández. Escuela de Educación, 2011.

FLORES, Yeriling Villasmil; MEZA, Beatriz Arrieta de, VOLPATO, Arceloni Neusa. Contribuições da teoria sociogenética, abordagem sociocultural e modelo cognitivo-lingüístico para o ensino da escritura na educação superior. *Rev. Synth.: Let., Ed. Humanid.*, Lages, v. 2, n. 2, p.33-45, dez. 2017.

Villasmil, Y. **Diseño Instruccional de la cátedra Compresión y Producción de Textos**. Universidad Dr. José Gregorio Hernández. Escuela de Educación, 2011.

Úzcateguí, A. **Taller sobre redacción de textos**. XX Encuentro de docentes e investigadores de la lingüística. Barquisimeto, Venezuela, 2007.

Estratégias de leitura: Processos inferenciais analisados através de uma crônica da obra de Fernando Sabino

Ricardo Santos David*

Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro.

Resumo

Análise de inferências em textos com o objetivo de demonstrar que todo sentido, mesmo o literal, inclui informações implícitas em diferentes graus de explicitude. O ato de compreensão desses enunciados envolve vários processos inferenciais, o que significa dizer que o leitor crítico deve estar atento não só às questões de ordem lógica como também às questões discursivas e ou retórico-argumentativas que ocorrem nos diversos gêneros de textos e que são fundamentais para a construção do sentido de um texto.

Palavras-chave: inferências; operações implícitas; interpretação de texto.

Strategies of reading: Inferential processes analyzed through a chronicle of the work of Fernando Sabino

Abstract

Analysis of inferences in texts, with the objective of demonstrating that the sense, even the literal one, is implicit in the discourse in different degrees. The comprehension of these texts indicates inferential operations, what it means that the reader must attend to the logical questions and to the discursive or argumentative ones in different kinds of texts and that they are important to the construction of the sense of a text.

Keywords: inferences; implicit operations; text interpretation.

* Mestre e Doutor em Educação pela Universidad Europea del Atlántico - Colômbia. Professor e pesquisador da Universidade Candido Mendes.

1 Introdução

Em 1939, Hayakawa propunha a seguinte definição de inferência: “uma asserção sobre o desconhecido, feita na base do conhecimento”. (McLEOD, 1977, p.06) avança e especifica a noção de Hayakawa, descrevendo inferência como “uma informação cognitivamente gerada com base em informações explícitas, linguísticas ou não linguísticas, desde que em um contexto de discurso escrito contínuo, e que não tenha sido previamente estabelecido”. (BRIDGE, 1977, p.11) define inferência “como uma informação semântica não explicitamente estabelecida no texto, mas gerada pelo leitor durante o processo inferencial de especificação de proposições”. A combinação de muitos dos elementos de cada uma dessas definições é o que define as estratégias de Leitura, ou melhor, os processos cognitivos e inferenciais.

Para ele,

Inferência ocorre sempre que uma pessoa opera uma informação semântica, isto é, conceitos, estruturas proposicionais ou componentes de proposições, para gerar uma nova informação semântica, isto é, novos conceitos de estrutura proposicionais. Qualquer conhecimento semântico que é gerado desse modo é inferido (FREDERIKSEN, 1977, p. 7).

Em todos esses conceitos, pode-se observar um ponto em comum: as inferências ocorrem na mente do leitor. Como afirma (FLOOD, 1981, p.55): “o texto existe, o leitor infere”. Uma primeira constatação é a que a inferência não está no texto. É uma operação que os leitores desenvolvem enquanto estão lendo o texto ou após terem completado a sua leitura. O texto serve como um estímulo para geração de inferências. Para ilustrar, Rickheit, Shnotz & Strohner (1985) apresentam a seguinte fórmula:

$$\text{Inferência} = A \xrightarrow{\quad C \quad} B$$

Em que A é a informação antiga, B é a informação nova, C o contexto e a seta é o processo de geração de inferência. O processo é distribuído em três partes:

- (1) A representação psicológica das informações A e B;
- (2) A operação de inferência de B extraída de A;
- (3) A noção de contexto C e seu efeito sobre a inferência.

A inferência anterior (A) apresenta um conteúdo semântico já conhecido ou que está sendo conhecido pelo leitor, enquanto a informação nova (B) é extraída a partir de (A) e, sob a influência de um contexto (C). Dessa forma, A e B são representações psicológicas individuais, mas mantêm relações passíveis de identificação.

Morrow (1990) entende inferência como o modo pelo qual os leitores, para compreender uma narrativa, ativam e usam informações nela implícitas e não-mencionadas.

Mckoon e Ratcliff (1992) definem inferência como qualquer informação não explícita em um texto. Dada à abrangência dessas definições, optou-se pela elaboração de um conceito que sintetiza aspectos relevantes apontados pelos teóricos e necessários para que sua manifestação seja identificada.

O conceito de inferência aqui concebido é: “Inferência é um processo cognitivo que gera uma informação semântica nova, a partir de uma informação semântica anterior, em um determinado contexto”.

Inferência é, pois, uma operação mental em que o leitor constrói novas proposições a partir de outras já dadas. Não ocorre apenas quando o leitor estabelece elos lexicais, organiza redes conceituais no interior do texto, mas também quando o leitor busca extratexto, informações e conhecimentos adquiridos pela experiência de vida, com os quais preenche os “vazios” textuais.

O leitor traz para o texto um universo individual que interfere na sua leitura, uma vez que extrai inferências determinadas por contextos psicológico, social, cultural, situacional, dentre outros.

Várias perguntas podem ser levantadas a respeito do processo de inferir: como as inferências são geradas? Qual a atuação da memória durante o processo de inferir? Como as inferências são mentalmente representadas? Quando uma inferência é produzida? Quais os tipos de inferências existentes? Que influências contextuais agem sobre o processo? Em que grau as inferências dependem do contexto?

2 A geração de inferências

Uma infinidade de pesquisas sobre a geração de inferências tem-se desenvolvido sob as perspectivas da Psicologia, da Semântica, da Inteligência Artificial, da Linguística e da Cognição. No campo da Psicologia Desenvolvimentista, tem-se focalizado as relações entre a inferência e os aspectos temporais, espaciais, causais e lógicos. No campo da Semântica, o estudo da geração de inferências tem sido um assunto central. (JACKENDOFF, 1975, p.29), por exemplo, propôs um sistema constituído de princípios organizacionais disponíveis ao usuário da língua, relacionados à sua habilidade de abstração “ao compreender novos modos de interpretação e ao compreender novos modos de interpretação e ao ser capaz de generalizar regras de inferência a um sistema de relações”. Há estudos sobre inferência dentro dos limites da sentença (CLARK, 1975) e sobre inferência conversacional em uma Teoria da Estrutura do Ato da Fala (GRICE, 1971).

Pesquisadores da Inteligência Artificial preocupam-se em construir modelos de processos envolvidos na compreensão, conectados ao discurso e à geração de Inferências. Schank & Abelson (1975), por exemplo, criaram a possibilidade de reconhecimento inferencial através de perguntas e respostas. Teóricos da Inteligência Artificial sustentam que a geração de inferências é um fenômeno que ocorre simultânea e sequencialmente durante o

processo inferencial dos textos. Vários modelos de processo inferencial têm sido por eles testados.

Linguistas cognitivos tomam uma de duas posições quanto à compreensão de sentenças e o processo de inferência: ou sugerem que o ouvinte extrai da estrutura profunda relações do input da sentença, que se armazenam na memória por meio de traços binários, ou sugerem que o ouvinte constrói ativamente uma representação interna para as sentenças. Os que tomam a primeira posição são chamados de Teóricos da Linguística Objeto; os que adotam a segunda postura são chamados Teóricos da Assimilação. Entre os primeiros estudiosos que desenvolveram pesquisas sobre a geração de inferências destacam-se Bartlett (1932), Kintsch (1974) e Bridge (1977), Bartlett explicou a inferência do discurso em uma Teoria Construtiva de Esquema. Recentemente, noções similares expressam que esquemas operam nos níveis da palavra/conceito, da proposição, do trecho textual, e que os leitores constroem significado a partir do texto.

3 Análise Inferencial

Partindo-se da hipótese de que o contexto sociocultural do indivíduo atuaria como um fator condicionante da variedade de interpretações de texto, foi aplicado o teste “pausa protocolada previamente marcada no texto”. Submeteram-se ao teste alunos representativos da classe A e B. O texto “Piscina”, de Fernando Sabino, foi dividido em dez pausas. Após cada pausa, os alunos responderam, oralmente ou por escrito, às perguntas feitas pelo pesquisador.

A cada intervalo de texto, segue-se um conjunto de perguntas. Recapitulando, os três tipos de perguntas são: as objetivas, as inferenciais e as avaliativas. A entrevista foi apenas parcialmente estruturada, pois, à medida que o aluno inferia, perguntas não previstas eram elaboradas. Uma resposta inferencial, muitas vezes, exige uma nova pergunta além das previamente estabelecidas. Por isso, a série de perguntas sobre o texto serviu apenas de roteiro ao pesquisador.

4 Veja-se a seguir a estrutura do teste aplicado, gênero, definição, estrutura e processos inferenciais

A crônica é um gênero textual que oscila entre duas esferas da comunicação – a jornalística e a literária. É filha do jornal, considerando-se que aí nasceu e se desenvolveu como folhetim, pequeno espaço nos jornais, destinado às amenidades, aos assuntos mais leves do cotidiano. Mais tarde ganhou roupagem literária, mesmo porque muitos cronistas eram também escritores consagrados em outros gêneros, considerados maiores na literatura, mas se renderam ao rés-do-chão. Além do mais, de início, muita obra literária era publicada mesmo no jornal.

Nosso objetivo, nessa seção, não é travar uma discussão mais profunda sobre as origens da crônica ou da esfera da comunicação a que ela pertença.

O fato é que ela “tanto reúne características da esfera jornalística quanto da literária. Em alguns textos, acentuam-se mais as características de uma ou de outra.” (SANTOS, 2008, p. 69). Interessa-nos, porém, elencar as características básicas desse gênero de texto, com o qual trabalhamos na sala de aula.

5 Sequência didática com um gênero crônica – intertextualidade e processos inferenciais

A sequência didática se constitui de uma série de atividades, desenvolvidas por meio de alguns módulos, a fim de que um determinado gênero seja trabalhado com uma turma de alunos. A primeira delas é a apresentação da situação, momento em que se expõe aos alunos o projeto de trabalho com um gênero específico. Em seguida, é feita a produção inicial, que permite ao professor avaliar as produções e fazer os ajustes necessários na etapa seguinte: os módulos. Por fim, realiza-se a produção final, com divulgação e circulação dos textos produzidos. (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004)

Foi possível perceber na produção de sentido nas leituras da crônica “Piscina” pelos universitários constituídos a partir de um processo intenso de negociação de significados entre autor e leitor.

Foi possível perceber na produção de sentido nas leituras da crônica “Piscina” pelos universitários constituídos a partir de um processo intenso de negociação de significados entre autor e leitor. Neste caso, o objetivo central da pesquisa foi investigar a compreensão de leitura de professores em formação inicial quando em interação gênero textual crônica. Isto com o intuito de favorecer o desenvolvimento de programas de formação inicial e/ou continuada em serviço que possibilitem a promoção da competência leitora a partir de uma intervenção que incida sobre as necessidades e dificuldades do professor em formação. No dizer de Orlandi (2006), o sentido da leitura sempre pode ser outro, vai depender essencialmente da relação estabelecida entre autor-texto-leitor. Assim o sentido da leitura não é preestabelecido por um autor onisciente, ou seja, o sentido não é dado pelo autor, e sim construído na/pela relação deste com o leitor virtual do gênero textual em questão.

TESTE

1ª parte

O título: “Piscina”

Pergunta objetiva:

– O que é uma piscina?

Perguntas inferenciais:

– Você já nadou em uma piscina? Onde?

– Você é sócio de algum clube? Você tem piscina em sua casa?

– Onde você já viu uma piscina?

– Sobre o que o texto vai falar? Invente uma possível história para esse título.

Pergunta avaliativa:

Você gosta de nadar?

2ª Parte

O autor apresenta as circunstâncias:

“Era uma esplêndida residência, na Lagoa Rodrigo de Freitas, cercada de jardins e tendo ao lado uma bela piscina”.

Perguntas objetivas:

- Onde se situava a residência?
- Como era a residência?
- E o que havia do lado de fora da residência?

Perguntas inferenciais:

- Onde fica a Lagoa Rodrigo de Freitas?
- Como você imagina que seja a região onde está a residência?
- Como é uma esplêndida residência? Como são as pessoas que nela moram?
- Como é vizinhança?
- Invente uma continuação para história.

3º Parte

“Pena que a favela, com seus barracos grotescos se alastrando pela encosta do morro, compromettesse tanto a paisagem”.

Perguntas objetivas:

- O que havia perto da residência?
- O que, na opinião do autor, comprometia a paisagem?

Perguntas inferenciais:

- Como são “barracos grotescos”? Por que eles “se alastravam” pela encosta do morro?
- Por que é “pena” existir uma favela por perto?
- Descreva a favela. Como você acha que devem ser as pessoas que moram na favela?

Pergunta avaliativa:

- Você concorda que uma favela compromete a paisagem? Por quê?

4º Parte

Exposição de circunstâncias

Diariamente desfilavam diante do portão aquelas mulheres silenciosas e magras, lata d’água na cabeça. De vez em quando surgia sobre a grade a carinha de uma criança, olhos grandes e atentos, espionando o jardim. Outras vezes eram as próprias mulheres que se detinham e ficavam olhando.

Perguntas objetivas:

- O que acontecia todos os dias?
- Quem são “aquelas mulheres”? Como elas eram? O que tinham sobre a cabeça?
- Quem dava uma espiada no jardim? Quem se detinha e ficava olhando para o céu?

Perguntas inferenciais:

- Por que as mulheres e as crianças ficavam olhando em direção à casa?
- O que elas pensavam?
- Crie uma continuação para história.

5º Parte

“Naquela manhã de sábado ele tomava seu gim tônico no terraço, e a mulher um banho de sol, estirada de maiô à beira da piscina, quando

perceberam que alguém os observava pelo portão entreaberto”.

Pergunta objetiva:

- O que aconteceu naquela manhã de sábado?

Perguntas inferenciais:

- Naquela manhã de sábado quem tomava gim tônico no terraço?
- Quem era ele?

6º Parte

Complicação = conflito entre a protagonista e a antagonista.

“Era um ser encardido, cujos molambos em forma de saia não bastavam para defini-la como mulher. Segurava uma lata na mão, e estava parada, à espreita, silenciosa como um bicho. Por um instante as duas mulheres se olharam separadas pela piscina”.

Perguntas objetivas:

- Quem os observava pelo portão?
- Como ela estava vestida?

7º Parte

Início do clímax:

“De súbito pareceu à dona da casa que a estranha criatura se esgueirava, portão adentro, sem tirar os olhos dela. Ergueu-se um pouco, apoiando-se no cotovelo, e viu com terror que ela se aproximava lentamente”:

Perguntas objetivas:

- A quem o autor chama de “estranha criatura”?
- O que a mulher da favela fez?

8º Parte

Ponto de maior tensão na narrativa:

“já transpusera o gramado, atingia a piscina, agachava-se junto à borda de azulejos, sempre a olhá-la, em desafio, e agora colhia água com lata. Depois, sem uma palavra, iniciou uma cautelosa retirada, meio de lado, equilibrando a lata na cabeça e em pouco sumia-se pelo portão”.

Perguntas objetivas:

- Para que a mulher da Favela entrou na residência?
- Como ela saiu da residência?

Perguntas inferenciais:

- Como estava a mulher?
- Quem os observava pelo portão entreaberto? Quem você acha que era? O que queria? Para que estava ali?

- O que ela parecia?

Perguntas inferenciais:

- As duas mulheres se olharam separadas pela piscina. Evidencie as diferenças entre a dona da casa e a mulher da favela quanto:
 - À habitação
 - Ao vestuário
 - À postura física
 - À ocupação na manhã de sábado
- O que vai acontecer agora?

- Qual a reação da dona de casa?

Perguntas inferenciais:

- Por que a mulher dona da casa sentiu terror com a aproximação da outra mulher?
- O que a dona da casa pensou?
- Para que a mulher da favela entrou na residência? O que de fato ela queria entrando pelo portão?

- Por que a mulher da favela decidiu encher a lata na piscina, em vez de buscar água no local de costume?

- De que forma a invasora colheu a água da piscina? “Sempre a olhá-la em desafio”.

- Por que o olhar em desafio?

- Desafiar significa propor combate. Qual era o combate? O que se pretendia defender?

Qual é o objeto do combate?

- O que vai acontecer agora? O que os donos da casa vão fazer?

Pergunta avaliativa:

- Você acha que a mulher da Favela fez bem ou mal ao tirar água da piscina? Por quê?

9º Parte

Início do desfecho

“Lá no terraço o marido, fascinado, assistiu a toda a cena. Não durou mais de um ou dois minutos, mas lhe pareceu sinistra como os instantes tensos de silêncio e de paz que antecedem um combate”.

Perguntas objetivas:

- Quem assistiu à cena?
- Quanto tempo durou a cena?

- O que pareceu ao marido?

Perguntas inferenciais:

- Quem eram os combatentes?
- Qual era o objeto do combate?
- Que combate era esse?
- O que significa fascinado neste contexto?
- O que vai acontecer agora?

10º Parte

Desfecho e solução do conflito

“Não teve dúvida: na semana seguinte vendeu a casa”.

Pergunta objetiva:

- O que o dono da casa fez?

Perguntas inferenciais:

- Por que o dono vendeu a casa? Qual foi a causa de o marido ter vendido a casa?

- Se você fosse o dono da casa e esse fato tivesse acontecido com você, você venderia a casa? Por quê?

- Qual seria sua reação?
- Que providências você tomaria?

Pergunta avaliativa:

Você acha que ele fez bem ou mal? Justifique a sua resposta.

11º Parte

Piscina é um texto literário:

- poético
- jornalístico
- dramático
- narrativo

A mulher da Favela toma a iniciativa da ação e invade o espaço da mulher rica. Ela é a personagem principal, também chamada de protagonista. Quem é a antagonista, isto é, a personagem que a ela se opõe na sequência do texto?

Resposta: A mulher rica.

Qual dos itens abaixo melhor resume o objetivo do autor do texto?

- A – Destacar a revolta dos pobres contra os ricos;
- B – Destacar o contraste entre ricos e pobres;
- C – Destacar o contraste entre a vida ociosa dos ricos e o trabalho dos pobres.

Resposta: Letra B.

8 Considerações finais

A Crônica “Piscina” de Fernando Sabino faz uma crítica sobre a diferença entre o rico e o pobre. Na qual fala sobre um casal de ricos que vivem em uma casa luxuosa, muito nobre e desejada por muitos, mas que se localiza em um morro perto de uma favela. Em certo dia, os moradores observam que muitas pessoas da favela entram dentro dela para roubar uma coisa: a água da piscina! Por isto na crônica eles são comparados com bichos, pois nenhuma pessoa necessitaria entrar em uma casa para roubar água de piscina, sinceramente apenas se a pessoa for muito pobre para fazer tal ação. Já no final do livro o casal vende a casa, pois se as

peças roubam água da piscina, sucessivamente será a casa. Então, logo no começo podemos ver essa diferença entre ricos e pobres que citamos no começo, pois a pobreza é tão alta que não se possui mais água encanada, enquanto os ricos ficam se esbanjando por ter tanto dinheiro, e ao invés de ajudar a quem necessita, ficam comprando artigos de luxo.

O narrador desta crônica é oculto, pois ele não se apresenta em nenhum momento da crônica.

O foco narrativo desta crônica está em 3ª pessoa, pois somente narra a história. Um dos fatores que afetam a sociedade brasileira é a questão da Desigualdade Social, onde os ricos ficam cada vez mais ricos e os pobres vão entrando ainda mais na miséria. É isso que o autor procura repassar na sua crônica, a partir do momento que ele descreve a bela e luxuosa casa de um casal e da vida pobre das pessoas que invadem a casa para roubar a água da piscina. O autor está mostrando os contrastes sociais que nós já estamos acostumados a vivenciar, com notícias na televisão, jornais.

Nessa crônica ele atinge de certa forma os políticos, que estão no poder e não fazem nada para melhorar a vida de quem os elegeu.

O texto “Piscina”, sem dúvida proporcionou certo incômodo íntimo nos leitores. Os leitores, ao interpretá-lo, deixaram transparecer as suas posturas ideológicas determinadas pela classe social e que cada um pertencia a representava. As perguntas objetivas, de conhecimento informado pelo texto, foram elaboradas com o objetivo de verificar a compreensão do leitor sobre aquilo que está no texto.

As perguntas inferenciais, baseadas nos conhecimentos experienciais, nas crenças, ideologias e axiologias individuais, foram formuladas visando-se a verificar as expectativas e as ideias do leitor referentes às ideias expressas no texto e ao conhecimento de mundo relacionado com a camada sociocultural em que o aluno está inserido.

As perguntas avaliativas envolvem julgamentos pessoais de informações fornecidas pelo texto. Através desse tipo de questão, verificaram-se as reações do leitor diante das ideias apresentadas, confrontando o seu ponto de vista como o ponto de vista exposto no texto, argumentando a favor de sua opinião e aprofundando a sua reflexão.

A partir das repostas obtidas, foram analisadas: as inferências que envolvem compreensão textual, as inferências que envolvem percepção afetiva e avaliação como consequência de julgamentos sociais.

Referências

DELL’ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Leitura: Inferências e contexto sociocultural/Belo Horizonte**. Formato Editorial, 2001.

HAYAKAWA, S.J A linguagem dos comunicados. In: HAYAKAWA, S.J. **A linguagem no pensamento e na ação**. São Paulo: Pioneira, 1963. Cap.03, p.29 - 42.

BRIDGE, C. **The text based inferences generated by children in processing writing discourse**. University of Arizona, 1977.

CLARK, Herbert H. Inferences in comprehension. In: LABERGE, D. & SAMUELS, S.J. (eds.). **Basic process in reading**; perception and comprehension. New York, 1977. Chap. 08, p. 13-63.

FLOOD, James. Prose comprehension: a selected review of literature on inference-generation as a requisite for understanding text. In: FISHER, Dennis F. & PETERS, Charles W. **Reading comprehension** - addresses, essays, lectures. New York, CBS Educ. Profes., 1981. p. 51-67.

FREDERIKSEN, J.R Semantic processing units in understanding text. In: FREEDLE, O. (org). **Discourse production and comprehension**. Ablex: Northwood, 1977.

JACKENDOFF, Ray S. **Semantic structures**. Cambridge, MA: MIT Press, 01.

MORROW, L. M. (1990). Preparing the classroom environment to promote literacy during play. **Early Childhood Research Quarterly**, 05, p.537-554.

ORLANDI, E. P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 06. ed. São Paulo: Pontes, 2005.

_____. **Discurso e leitura**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

RICKHEIT, G., SCHNOTZ, W., & STROHNER, H. The concept of inference in discourse. Comprehension. In G. Rickheit & H. Strohner (Eds.), **Inferences in text processing**. NY: Elsevier Science Publishers, p. 3- 43, 1985.

SABINO, Fernando. Ousadia. In: **Para gostar de ler**, 02; crônicas. São Paulo, Ática, 1978. p. 68-69.

SABINO, Fernando. Piscina. In: SOARES, Magda. **Novo português através de textos**, 07. São Paulo, Abril Educação, 1982, p. 221.

SANTOS, Jussara Gabriel. **História da Avaliação**: do exame a avaliação diagnóstica. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2008.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004, p. 95-128.

ANEXO

PISCINA

Fernando Sabino

Era uma esplêndida residência, na Lagoa Rodrigo de Freitas, cercada de jardins e tendo ao lado uma bela piscina. Pena que a favela, com seus barracos grotescos se alastrando pela encosta do morro, comprometesse tanto a paisagem.

Diariamente desfilavam diante do portão aquelas mulheres silenciosas e magras, lata d'água na cabeça. De vez em quando, surgia sobre a grade a carinha de uma criança, olhos grandes e atentos, espiando o jardim. Outras vezes eram as próprias mulheres que se detinham e ficavam olhando.

Naquela manhã de sábado, ele tomava seu gim-tônica no terraço, e a mulher um banho de sol, estirada de maiô à beira da piscina, quando perceberam que alguém os observava pelo portão entreaberto.

Era um ser encardido, cujos molambos em forma de saia não bastavam para defini-la como mulher. Segurava uma lata na mão, e estava parada, à espreita, silenciosa como um bicho. Por um instante as duas se olharam, separadas pela piscina.

De súbito, pareceu à dona da casa que a estranha criatura se esgueirava, portão adentro, sem tirar dela os olhos. Ergueu-se um pouco, apoiando-se no cotovelo, e viu com terror que ela se aproximava lentamente: já transpusera o gramado, atingia a piscina, agachava-se junto à borda de azulejos, sempre a olhá-la em desafio, e agora colhia água com a lata. Depois, sem uma palavra, iniciou uma cautelosa retirada, meio de lado, equilibrando a lata na cabeça – e em pouco tempo sumia-se pelo portão.

Lá no terraço, o marido, fascinado, assistiu a toda à cena. Não durou mais de um ou dois minutos, mas lhe pareceu sinistra como os instantes tensos de silêncio e de paz que antecedem um combate. Não teve dúvida: na semana seguinte vendeu a casa.

Cidade Canudos - Rua Morgue

Fabio Soares*

Centro Universitário Facvest, Lages.

Resumo

Este artigo pretende estimular uma diferente perspectiva sobre a obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, a partir da leitura comparativa com a literatura fantástica de Edgar Allan Poe. Faz-se inicialmente um levantamento de alguns conceitos da obra de Poe. Procede-se então a um levantamento de ocorrências semânticas relacionadas nessa obra de Euclides da Cunha. Verifica-se, enfim, a possibilidade de uma leitura fantástica da obra.

Palavras-chave: Literatura; Euclides da Cunha; Edgar Allan Poe.

Canudos City – Morgue Street

Abstract

*This paper intends to stimulate a different perspective on the work *Os Sertões*, by Euclides da Cunha, from the comparative reading with the fantastic literature of Edgar Allan Poe. A summary of concepts from Poe's works is done. An extensive remark of the semantic occurrences related to this is in this book of Euclides da Cunha is also done. The possibility of reading the book as fantastic literature is verified.*

Keywords: Literature, Euclides da Cunha; Edgar Allan Poe.

* Mestre em Literatura Brasileira e Doutor Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor do programa de Pós-graduação em Práticas Transculturais do Centro Universitário FACVEST.

1 Introdução

Logo ao início do livro *Os Sertões* (CUNHA, 2002, p. 9) somos recebidos por um aviso de Euclides: esse é um livro que trata de um crime. Como um detetive de poltrona somos levados a presenciar e acompanhar o desfecho do crime que Euclides denuncia, desde a descrição da cena até o desenrolar da ação. Ou será essa uma leitura impossível do livro? A pergunta que nos surge é: será possível ler *Os Sertões* como um romance de suspense, mistério e terror? Qual o mistério a ser desvendado?

A pergunta parece descabida, fora do tempo e de lugar, como o próprio sertão de Euclides. Isso nos instiga a evitar um “não” fácil que descartaria a pergunta antes de um exame demorado para nos debruçarmos em um olhar não só anacrônico sobre o livro, mas sobretudo anacrônico, sem lugar. Sem lugar pois pretendemos recorrer ao criador do romance policial, Edgar Allan Poe, para nos auxiliar a delinear as características que sublinharemos no livro de Euclides. Isto é, embora este trabalho seja, em parte, inspirado no conceito de Anacronismo de Didi-Huberman, não é exatamente isso que se faz aqui, pois Edgar Allan Poe foi anterior em meio século ao livro *Os sertões*. No entanto pretende-se um *modus operandi* semelhante, deslocando as ideias de Poe para Euclides para, à semelhança do Anacronismo, encontrarmos “o que permanecia oculto por baixo das visões consagradas” (STERZI, 2006, p. 141). Ou ainda nas palavras de Poe:

By a route obscure and lonely,
Haunted by ill angels only,
Where an Eidolon named NIGHT,
On a black throne reigns upright,
I have reached these lands but newly
From an ultimate dim Thule –
From a wild weird clime that lieth sublime
Out of SPACE – out of TIME
[trecho de Dream-land] (POE, 1994, p. 65).

Não se trata de comparar os dois autores, ainda que haja algumas semelhanças biográficas entre Poe e Euclides: a paixão pelos novos conhecimentos científicos, a expulsão da academia militar quando jovens (o primeiro por dívidas de jogo, o segundo por insubordinação política), a intenção declarada de que a razão e o conhecimento devem servir ao escritor ao compor sua obra (embora na execução da obra abram espaço para o fantástico e o espanto) e o fim trágico de ambos em idade precoce, ainda hoje com algum mistério sobre suas mortes. As semelhanças, no entanto, param por aí. Euclides teve melhor sorte que Poe na recepção de sua obra e obteve a fama e reconhecimento ainda vivo, além de ter uma personalidade mais semelhante a de um Goethe jovem, fazendo exuberantes descrições de cores em descampados, como o escritor alemão em sua *Teoria das Cores*, e afirmando sua preferência por ir a campo presenciar aquilo que nos descreverá.

Mas diferenças ou semelhanças biográficas em nada contribuem para essa nossa missão de delinear a possibilidade de uma outra leitura para *Os Sertões*. Tomaremos da obra de Poe aquilo que nos parece principal: o mistério, o fantástico e a loucura.

Explicitando mais esses termos, podemos considerar a necessária associação entre o mistério e o fantástico, pois ambos operam através do espanto, do assombro. O mistério é aquilo que não conseguimos compreender de imediato, porém nos instiga a racionalizar, a compreendê-lo, enquanto o fantástico já deixa claro por princípio a incapacidade de compreendê-lo racionalmente. Dito isso, vem daí a relação tão estreita na obra de Poe entre o romance policial e o conto de terror, pois o mistério é mais efetivo na medida em que se o coloca no domínio do inexplicável, do fantástico.

Procurando o amontilado

Nesse jogo entre o real e o assombro, muitas vezes o que era o fantástico e inexplicável, acaba recebendo ao final uma explicação racional que desvenda o mistério. Exemplo disso é o Orangotango ao final dos *Crimes da Rua Morgue* (POE, 2002), ao mesmo tempo racional, mas fugindo dos limites do crível, ficando na zona de fronteira entre o mistério e o fantástico. Nem sempre, no entanto, é tão nebulosa a relação entre o mistério e o fantástico, de forma que o mistério frequentemente vem marcado pelo linguajar policial e todo o arsenal jurídico-epistemológico que indica a possibilidade de compreender, enquadrar e desvendar o fenômeno, enquanto o fantástico se deixa marcar pelo paradoxo exposto, a incognoscibilidade, a ausência de tempo e espaço regido conforme as leis naturais.

Não menos importante para nossa análise é a loucura. Tomemos como exemplo o *Demônio da Perversidade* (POE, 1981). O *Daemon* é a palavra grega que denotava entidades invisíveis responsáveis por todo impulso ou sentimento humano, incorporado na mitologia religiosa cristã na forma de demônios para os impulsos declarados maus e anjos para os impulsos declarados bons. A perversidade é colocada por Poe como um impulso maligno em que a pessoa se volta contra si mesma, uma ação sem motivo, ou ainda, em que “sob sua forma nós agimos pelo motivo de não devermos agir” (p. 206). Nela, ressalta o escritor:

não somente um desejo de bem-estar não é excitado, mas existe um sentimento fortemente antagônico.[...] O impulso converte-se desejo, o desejo em vontade, a vontade numa ânsia incontrolável, e a ânsia (para profundo remorso e mortificação de quem fala e num desafio a todas as conseqüências) é satisfeita (p. 207).

A incapacidade de fazer algo que precisa ser feito ou o desejo de se jogar num abismo apenas pelo fato de não dever fazê-lo, são exemplos que em seguida ilustram o fenômeno que Poe expõe. Muito além de jogar com a mitologia religiosa ou a frenologia, está o tratado sobre o comportamento humano. Mas mais importante ainda, a exposição de Poe daquilo que é um princípio que estrutura muitas de suas obras: as pancadas na parede que denunciam o assassino em *O Gato preto*, as horríveis batidas do *Coração Denunciador*, os dentes arrancados de *Berenice*, a inação de Usher ouvindo por muitos dias a luta de sua irmã

enterrada viva em *A queda do solar de Usher*, o homicídio de seu duplo em *William Wilson* etc.

O demônio da Perversidade é importante para compreendermos a obra de Poe e entendermos de que forma ele insere a loucura em suas histórias, assim como seus ensaios sobre a psicologia humana e as metáforas médicas patológicas. Embora para uma figuração de gênero policial o conceito de mistério já bastasse, ficaria incompleta a análise do livro de Euclides se não estendêssemos essa análise na questão do fantástico e do demônio da perversidade, da loucura, do doentio.

Um corvo chamado *Os Sertões*

Os Sertões tem um formato interessante se o tomarmos como narrativa policial. Enquanto um romance policial tem tradicionalmente início com o crime e o leitor é convidado a tentar descobrir o criminoso, este é um romance em que é preciso descobrir não só qual o culpado, mas sim o crime que se cometeu. O crime não está estante no início do livro, mas narrado no desenrolar de toda a história. E embora uns ou outros possam pontualmente figurar como vilões, há sempre um *nós* que avança esmagando Canudos, que não sabemos se se refere às tropas, ao narrador junto da tropas, ou todos nós leitores junto com o autor e as tropas, cúmplices de um crime em andamento.

Nos deteremos, entretanto, na análise do trecho que precede as lutas, onde Euclides descreve o cenário e a composição humana.

Após o aviso de que vamos presenciar um crime, entramos na descrição da cena onde se passa a ocorrência. No cenário despontam trechos de “perfil fantástico” (p. 17), onde “o viajante célere tem a sensação de imobilidade” (p. 19). A morbidez sombria se mostra nos leitos dos rios, que figuram “abertos em caixão” (p. 20) quando secos, ou “expostos pela decomposição” (p. 21) quando tomados por torrentes. O fantástico predomina quando nos avisa que se trata de “uma profecia retrospectiva” (p. 21) ou no cenário melancólico, com uma onipresente “impressão dolorosa que nos domina” (p. 22).

Ao chegarmos no Monte Santo, nos surpreendemos com rios que não descem em cavernas imensuráveis, como no poema *Kubla Khan*, de Coleridge (1798), mas sim “rios que sobem”, “rios sem nascente” (p. 23), rios que em vez de possuírem correnteza, formam um “onda tombando”(p. 24).

O clima não é menos fantástico do que o cenário. É permeado por um “contraste inexplicável” onde desce “a noite, sem crepúsculo, de chofre” ou a “noite sobrevém em fogo; a terra irradia como um sol escuro” (p. 27).

O soldado morto não é apenas um combatente caído, mas um dos “higrômetros inesperados e bizarros” (p. 27). O canhoneio é “soturno” (p. 28), a vala comum uma “promiscuidade lúgubre de um fosso repugnante”, o cavalo morto “um animal fantástico” e, mesmo nas calmarias, a presença de “fenômenos ópticos bizarros” (p. 28).

Quando chegamos ao assunto da seca uma mistura de terror, linguajar policial e médico, ela é o “terror máximo” (p. 32) fruto de “agentes desordenados e fugitivos, sem leis ainda definidas” (p. 33). A caatinga traz impressões “de tortura, da flora agonizante” (p. 35) que lhe imprime “estigmas desta batalha surda”(p. 36), a fronteira tênue entre o real e o fantástico na planta que dá o nome a Canudos, “o mais lendário dos vilarejos” (p. 37), enfim um “cenário doloroso: a vegetação agonizante, doente e informe, exausta, num espasmo doloroso” (p. 39). Acabada a seca o sertão vira “paraíso” (p. 40) para logo começar novamente a secar novamente, num “ritmo maldito” (p. 41).

A própria terra parece animada ao protagonizar uma “luta surda” contra “as leis gerais do clima” (p. 44) que desemboca na figura paradoxal de uma “evolução regressiva” (p. 44). A natureza não morre simplesmente, mas adquire o “aspecto adoentado da *catanduva* sinistra” (p. 45). Temos nesses elementos a junção do fantástico, paradoxal, doentio e sinistro, que culminará com a conclusão de que o martírio do homem é reflexo de tortura maior, o “martírio secular da terra” (p. 48).

Uma vez desenhado o cenário fantástico e sinistro, Euclides começa sua abordagem do homem, saindo do fantástico e retomando o tom mais ameno do suspense, pois embora tenhamos todas as variáveis, não “desvendamos todas as incógnitas” (p. 51). Não é porque a fórmula esteja errada, mas porque nesse mundo todas as leis se modificam “à pressão dos dados objetivos” (51), o que significa dizer que é um lugar onde as leis, mesmo as leis biológicas das raças, não se aplicam, são derrubadas pelos dados. Tal ruptura das leis não se dá sem punição, forma um povo sem unidade, com uma ordem natural invertida, “condenados à civilização”(p. 52).

Apesar de operar sempre por contrastes e antíteses, é importante notar que mudam os elementos contrastantes conforme o assunto, como se houvessem temas metafóricos associados a cada tópico. De forma que ao voltarmos para o clima, abandonamos o clima de suspense para voltarmos ao fantástico e sinistro. A vegetação é fantástica (p. 55), a tempestade, um cenário lúgubre (p. 55) e a friagem, um “deslocamento polar e lúgubre”(p. 57). Enfim na aclimação do sujeito temos novamente o retorno da figura paradoxal da “evolução regressiva”(p. 57).

Nossa história, como tradução das modalidades mesológicas (p. 58) não poderia deixar de ter ela também em um contraste a “sua verdadeira feição nacional”, corporificando no tipo sulista o “empreiteiro predileto das grandes hecatombes” (p. 61).

Voltamos ao homem e ao clima de suspense, agora com metáforas médicas, onde a civilização é o “plasma sanguíneo” e as raças sofrem a ação do meio e da natureza, uma “força catalítica misteriosa” (p. 62).

Chegamos enfim na gênese do jagunço, uma história “inextrincável como os dizeres adrede obscuros” (p. 66) cuja função é “desvendar o desconhecido”, dominada por “lendas sombrias” (p. 67).

Como não podia ser diferente, a formação foi feita obscuramente (p. 67) e não falta no cenário um “Rio da mortes” (p. 67). Reforça na página seguinte a povoação “forte, mas obscura” (p. 68), marcada por uma “degeneração completa” dos paulistas no sul. O meio não é aqui um objeto sujeito à ação dos homens, mas sim uma agente poderoso, é quem ordena a situação, atraindo e guardando o sertanejo (p. 68).

As entradas dos bandeirantes não são simples rotas geográficas, mas sim ligações no tempo entre os dois países em tempos distintos (p. 69). As tradições são interpretadas como tributárias de “um estranho aferro” (p. 69). Entra a narrativa então numa revisão histórica amena, em que somem as metáforas e termos sobrenaturais, misteriosos, espantosos, ou médicos, até o momento em que Euclides intervém na narrativa dizendo “Abramos um parêntesis...” (p. 73). Aí a narrativa retoma para seu rumo fantástico, e o mestiço é caracterizado como um histérico, de desequilíbrio nervoso incurável (p. 73).

O parêntesis vai crescendo, só sendo cortado ao final do capítulo, quando Euclides novamente dá o corte abrupto na narrativa chamando-a de “divagar pouco atraente” (p. 76). A formulação da composição tem um efeito interessante, pois o cerne do capítulo, onde se articula a gênese do jagunço, é apresentado como parêntesis, e o parêntesis histórico, que foge ao estilo, é apresentado como se fora o cerne. Há um jogo de inversões aí que é muito sutil, e que aparece ressaltado nesse fim abrupto com que ele encerra o capítulo, enfileirando num trecho curto uma série de ironias, desde o divagar pouco atraente, passando pelo desdém à frenologia, retratada como “fantasias psico-geométricas” (p. 76), encerrando no parágrafo que diz: “reproduzamos, intactas, todas as impressões, verdadeiras ou ilusórias” (p. 76).

A ironia está tão bem colocada, que pode passar despercebida ao lermos o livro. Mas essa frase é importante, pois instaura uma ordem do discurso que diz que o que vem a seguir é, ao mesmo tempo, verdade ou ilusão. Isto é, que espécie de narrador é esse que afirma seguidamente seu compromisso com a verdade e o relato seguro, mas, ao mesmo tempo, se dispõe a relatar o verdadeiro e o ilusório misturados?

A análise da ironia que Lukács faz para o romance do século XIX, parece ter alguma relevância para este texto também, considerando que a ironia possibilita uma forma “na qual tudo é visto sob vários prismas: como isolado e vinculado, como suporte de valor e nulidade, como abstração abstrata e como concretíssima da vida própria” (LUKÁCS, 2000, p. 76).

Assim segue que sertanejo é sintetizado numa forma fantástica duplamente lendária, “Hércules-Quasímodo”, capaz de transfigurar-se e transmutar num momento de necessidade e livre do “raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral”, é ao mesmo tempo o “homem permanentemente fatigado” e um titã de capacidades extraordinárias. Quando se junta ao cavalo surge outra figura lendária, o centauro bronco (CUNHA, 2002, p. 77-78).

É definitivamente um mundo em que as leis naturais estão em suspensão, em dúvida, pois não é o cavalo que leva o cavaleiro, mas sim o cavaleiro que sustenta o cavalo nas rédeas e o suspende nas esporas (CUNHA, 2002, p. 78).

O cenário é carregado nas cores fantásticas quando fala da: devastação, miséria, horror da seca, quadro assombrador, desgraças, catástrofes e o espantalho da seca (CUNHA, 2002, p. 78 e 79). O espantalho é figura que ainda retorna outras vezes mais adiante no livro.

A vida e a morte parecem operar com sinais trocados, confundirem-se, misturarem-se, pois diante de tal cenário de desgraças conclui-se que o sertanejo é “um condenado à vida” (CUNHA, 2002, p. 79). É como se o sertanejo pudesse perambular nos dois territórios, da vida e morte, ou sua fronteira se tornasse móvel. A figura do morto-vivo ainda retomará adiante no livro.

E não só entre a vida e a morte o sertanejo se torna uma figura de fronteira, mas também entre o mundo moral e o físico, donde que ele se torna a “perfeita tradução moral dos agentes físicos”. O jagunço, mesmo quando derrotado, se torna digno de medo, pois seu recuo é “um negacear demoníaco”. A sua probidade é revelada como um traço encantador que parece fantasia. Entre seus poderes está o de curar um animal pelo rastro (CUNHA, 2002, p. 80-83).

Surge outra figura interessante: o estouro da boiada. Não é um simples grupamento de bois correndo, mas sim um solavanco assombroso (CUNHA, 2002, p. 84), “milhares de corpos que são um corpo único, monstruoso, informe, indescritível, de animal fantástico” (CUNHA, 2002, p. 85). A descrição não é somente da transmutação do rebanho em um monstro fantástico, mas um tema que Euclides retomará outras vezes ao longo da obra: a criação de um todo homogêneo a partir de elementos díspares, a ordem formada da desordem. Quando por fim os vaqueiros descansam, não matam o tempo em um sentido figurado, mas “na significação completa do termo” (CUNHA, 2002, p. 85). Fica no ar a dúvida, que espécie de dimensão é essa em que se pode aniquilar o tempo?

A suspensão do tempo marca também o estoicismo do sertanejo, que é um “transe de esperanças de uma resistência impossível”. Com a seca o transe se rompe em “tragédias espantosas” e “espasmo assombrador”. Os filhos se tornam a “prole apavorada”. O tema do morto-vivo é retomado e aprofundado, pois ao cavar em busca de água ele retorna à superfície “exausto, à beira da própria cova que abriu, feito um desenterrado” (CUNHA, 2002, p. 87-88).

Em seguida, novamente uma enxurrada de elementos fantásticos: o pão sinistro, a energia sobre-humana, a fauna cruel e bois espectrais. O tempo novamente se suspende em dias longos de transe, uma sociedade sertaneja imóvel no tempo. Na confusão entre a fronteira vida-morte, a morte é a bem aventurança e a terra um “exílio insuportável”. Termina, enfim, entrando no campo das crenças, narrando o sacrifício fanático de crianças (CUNHA, 2002, p. 89-93).

Quando enfim se entra no personagem marcante de Antônio Conselheiro, Euclides o inclui em “uma modalidade qualquer de psicose”, que em função do meio “assombra”, marcado pelo “obscurcimento da razão” (CUNHA, 2002, p. 96).

O tema da ordem na desordem é retomado na loucura do Conselheiro, que obtém “ordem no próprio desvario”, e nesse trecho involuntariamente somos obrigados a lembrar da

célebre peça de Shakespeare, Hamlet, do espanto de Polônio sobre o jovem Hamlet, ao exclamar “é loucura, sim, mas há um método nela!”. Diz ainda, sobre Conselheiro, que é um doente grave, com paranóia e constituição mórbida. Abundam casos de seitas antigas de “doutores histéricos” e “casos repugnantes de insânia” (CUNHA, 2002, p. 97).

Novamente se insiste, na página 98, na psicose de Conselheiro, para então, marcada um quebra, entrarmos na biografia de Conselheiro. Aqui os termos fantásticos e misteriosos somem da narrativa, não é mais Euclides que nos fala, apenas nos transmite o conhecimento dado pelo biógrafo de Conselheiro.

Quando, entretanto, terminada a exposição biográfica, é Euclides quem retoma a palavra, vem a enxurrada de adjetivos sobrenaturais a Conselheiro: escaveirado, monstruoso, fantástico, mal-assombrado. As chapadas são “povoadas de duendes”, de “santas missões malévolas”, lendas, insânia, “loucura nos cérebros abalados” (CUNHA, 2002, p. 103).

Assim como os assustadores autômatos de Hoffmann, surge um Conselheiro que é “monstruoso, mas autômato”, carregando no passado “uma lenda arrepiadora” de um duplo homicídio do qual foge “apavorado, doido”, de “angústias recalçadas” (CUNHA, 2002, p. 104-105).

Novamente o retorno do tema morto-vivo, pois em Conselheiro temos a “carne morta”, o “aspecto repugnante de desenterrado”, a “face morta”. Segundo testemunhas ele era “assombroso”, de oratória arrepiadora, pavoroso. A multidão fica “fascinada, sob o estranho hipnotismo daquela insânia formidável”, lembra “adoidados chefes de seita” ressurgindo “aberrações extintas”. Nem mesmo o apelo à castidade de Conselheiro é poupado, sendo entendido não como sinal de pureza, mas sim como “horror pela mulher”. A própria beleza representa para Conselheiro, por fim, o horror (CUNHA, 2002, p. 105-108).

Conselheiro é o “Santo endemoninhado” (p. 109), executor de “uma missão perversa” (p. 111), do qual circulam lendas entre as “gentes assombradas”(idem), e perante o qual a “multidão estremece toda, assombrada...”. É o “grande homem pelo avesso”, acometido por uma nevrose, dono de “inexplicável placidez”, cujo ânimo malignou-se e, ele mesmo, tornou-se mau (CUNHA, 2002, p. 109-112).

Quando as tropas que o atacam, recuam, essa é mais uma das coisas inexplicáveis que se revezam no livro. Se no sertanejo temos uma descrição fantástica e mitológica, e em Conselheiro a loucura assombrosa, não fica por menos o arraial de Canudos.

Canudos tem os “germens da desordem e do crime”, é a “Tróia de Taipa”, a “objetivação da insânia”, que se faz adoidadamente, a *civitas* sinistra, dédalo desesperador, multidão de loucos onde a pobreza é repugnante, traduz a “decrepitude da raça” (CUNHA, 2002, p. 114-115).

Aqui também o tema da morte em vida reaparece, pois a cidade lembra “uma vala comum enorme” (p. 118). O tema da ordem na desordem também reaparece, no que o sertanejo é absorvido pela psicose coletiva e a população de “díspares elementos” forma uma “comunidade homogênea e uniforme”. População constituída de “famigerados facínoras” (p.

120) e “sinistros heróis da faca”, local onde o cristianismo “surgia monstruoso dentre aberrações fetichistas”(CUNHA, 2002, p. 118-120).

Convergindo elementos dos capítulos anteriores, a ironia também tem seu espaço aqui, comparando a “leve falta de alguns homicídios” com o “crime abominável de faltar às rezas”. A ironia se torna amarga, em tom de denúncia, e não se trata mais de Canudos, mas do próprio Brasil contemporâneo de Euclides. O sufrágio universal é posto como fantasia (p. 121), os sertanejos “felizes por terem aos ombros frangalhos imundos” (CUNHA, 2002, p. 121).

Após a quebra no texto Euclides retoma a narrativa fantástica, narrando o templo monstruoso, de *arx* monstruosa e ogivas horrorosas. Canudos é a “imunda ante-sala do Paraíso”, “repugnante, aterrador, horrendo”, onde as beatas são “êmulas das bruxas”. Concentrando-se nos moradores temos José Venâncio, “terror da Volta Grande”, “espantinho dos processos”, e mulheres alucinadas em histeria (CUNHA, 2002, p. 122-126).

Para Euclides, Canudos foi um “refluxo na história”, ressuscitando “uma sociedade morta, galvanizada por um doido” (CUNHA, 2002, p. 126). Aqui atinge o ápice o tema do morto-vivo, é a própria sociedade morta-viva, ressuscitada tal qual Frankenstein por uma corrente de energia galvânica. A semelhança com o Frankenstein de Mary Shelley não é à toa, uma vez que é ele o primeiro dos mortos-vivos da literatura semelhantes aos atuais zumbis de filmes de horror, tendo como antecessores próximos os autômatos de Hoffmann e o golem judaico. Ao contrário destes, porém, que eram matéria animada, o Frankenstein é carne humana retornada a vida, desenterrada, condenada a viver.

Tratava-se de “psicose epidêmica” (CUNHA, 2002, p. 126), anacronismo. Canudos, como terra fantástica, fora do tempo e do espaço, tem seus habitantes “mais estrangeiros nesta terra do que os imigrantes da Europa. Porque não no-los separa um mar, separam-no-los três séculos...”. Era um “núcleo de maníacos” (CUNHA, 2002, 127), a Vendéia.

Em seguida temos o retorno do tom irônico, mais amargo do que antes, desfazendo a partir do momento em que diz “Entretanto” toda a certeza sobre o anteriormente afirmado, inclusive sobre a Vendéia, que era uma das bandeiras agitadas por Euclides antes de ir a Canudos. A entrada dos triunfadores nas casas destruídas é o “mais pobre dos saques” (CUNHA, 2002, p. 127) e o argumento civilizador é a bala (CUNHA, 2002, p. 130).

Momentos finais

Para Euclides, era preciso “outra reação”, “outra luta”, diferente da militar. Extrapolando o Euclides para retomarmos Poe, poderíamos arriscar que se Canudos foi a objetivação de uma psicose, a reação da sociedade do litoral foi a objetivação de uma outra loucura, o demônio da perversidade de Poe. Canudos foi destruída com selvageria justamente porque não deveria ser, ou seja, a própria história a ser narrada exige a loucura e o fantástico, porque é ela mesmo uma perversidade, nos moldes propostos por Poe.

Dessa forma, Euclides precisa recorrer ao fantástico para retratar essa narrativa, pois o discurso não fantástico não daria conta do fenômeno de Canudos, assim como não é possível defender, racionalmente, a ação das tropas militares.

Longe de responder a pergunta de detetive de poltrona de quem é o assassino, ler “Os Sertões”, em seu caráter fantástico, como um romance de suspense e mistério que se aproxima do horror, nos permite pinçar os elementos a serem ressignificados no jogo da ironia, os sentidos que a ironia rompe contrariando o próprio discurso de quem a emite, sem apontar para um novo significado definitivo. É o discurso necessário para a descrição de um crime em andamento.

Pode-se, assim, apontar a possibilidade de uma leitura estendida dessa primeira parte para todo o livro, do qual é indício a quantidade enorme que se repetem algumas palavras aqui destacadas, como as derivadas de espanto (48 ocorrências), assombro (42), sinistro (44) e pavor (38), que embora por si só não revelem o quadro todo, serve como indício para a possibilidade de uma investigação mais aprofundada de “Os Sertões” que tragam à tona novos elementos dessa narrativa.

Referências

COLERIDGE, Samuel Taylor. **Kubla Khan**. 1798

CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Ante el tiempo**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2006.

LOVECRAFT, Howard Phillips. **The H.P. Lovecraft Ominibus 2**, Dagon and other macabre tales. Londres: HarperCollins, 1994.

LUKÁCS, G. **A teoria do romance**. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2000.

POE, Edgar Allan. **Selected Poems**. Guernsey: Guernsey Press, 1994.

_____. **Contos de terror, de Mistério e de Morte**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

_____. **Histórias Extraordinárias**. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

STERZI, Eduardo, “Da vita nova ao luto do moderno”, in **Terceira Margem**, número 15, Rio de Janeiro: UFRJ, julho-dezembro de 2006, p.133-150.

Produzida em dezembro de 2017
Mestrado Profissional de Práticas Transculturais
Centro Universitário Unifacvest
RUA MARECHAL FLORIANO, 947– LAGES, SC.